



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

Título:

Crianças Vulneráveis em Moçambique: um olhar sobre o papel do estigma na permanência de crianças que vivem nas ruas da cidade de Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Augusto Bartolomeu Sixpence

Supervisor: Baltazar Samuel Muianga (M.A.)

Maputo, Junho de 2010

Crianças Vulneráveis em Moçambique: Um olhar sobre o papel do Estigma na permanência de crianças que vivem nas ruas da cidade de Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Augusto Bartolomeu Sixpence

**Departamento de Sociologia
Faculdade De Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane**

Supervisor:

Dr. Baltazar Muianga

Maputo, Junho de 2010

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

.....

.....

.....

Maputo, Junho de 2010

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Título:

Crianças Vulneráveis em Moçambique: Um olhar sobre o papel do Estigma na permanência de crianças que vivem nas ruas da cidade de Maputo.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor:

Augusto Bartolomeu Sixpence

Supervisor:

Dr. Baltazar Samuel Muianga

Maputo, Junho de 2010

Índice	Páginas.
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Declaração.....	9
Dedicatória.....	10
Agradecimentos.....	11
Léxico de Síglas.....	12
Introdução.....	13
Roteiro da Monografia.....	16
Capítulo 1.....	18
1.1 Panorama geral de crianças em situação difícil em Moçambique.....	18
Capítulo 2.....	22
2.1. Da pesquisa literária à formulação do problema.....	22
2.1.1. Objectivos.....	28
Objectivo geral:.....	28
Objectivos específicos:.....	28
Capítulo 3.....	29
3.1. Relevância e pertinência sociológica.....	29
Capitulo 4.....	31
4.1. Enquadramento teórico.....	31
Capítulo 5.....	37

5.1. Abordagem conceptual	37
5.1.1. Estigma	37
5.1.2 Crianças vivendo na rua.....	38
5.1.3 Interacção social	39
5.1.4 Sociabilidade.....	40
5.2 Modelo de análise	40
Capítulo 6.....	42
6.1. Metodologia.....	42
6.1.1. Pesquisa bibliográfica.....	42
6.1.2. Método de abordagem	42
6.1.3. Métodos de procedimento.....	43
6.1.4. As técnicas	43
6.1.5. Amostragem.....	44
6.2. Constrangimentos durante a pesquisa.....	47
Capítulo 7.....	49
7.1. Apresentação e discussão dos resultados.....	49
7.1.1 Campo de análise.....	49
7.1.2 O quotidiano das crianças de rua	51
7.1.3 Traços gerais e contextos de origem de crianças de rua.....	55
7.1.4 Causas da permanência do fenómeno crianças vivendo na rua.....	56
7.1.4.1 Interacção social com os familiares	57

7.1.4.2 Motivações para a ida à rua	61
7.1.4.3 Olhares diferenciados sobre a casa e a rua	64
7.1.4.4 A rua como um espaço de refúgio	69
8. Conclusão	76
Referências bibliográficas	79
Anexo 1: Guião de colecta de dados.....	84
Anexo 2: Plano operacional.....	86

Resumo

Tendo como base de estudo crianças de rua, a presente monografia tem por objectivo analisar as causas de crianças vivendo na rua como um fenómeno ligado ao estigma a que estão sujeitas. Para tal, o estudo foi feito na cidade de Maputo, no “Ponto Final”, local onde além de encontrarmos as crianças de rua é também um local muito movimentado quer por carros quer por pessoas. Tivemos como suporte teórico, a abordagem de Estigma defendida por Goffman (1988), integrada na teoria de Interaccionismo Simbólico desenvolvida pela Escola de Chicago nos Estados Unidos da América por volta dos anos 20 do séc. XX. Aliamos a este suporte a metodologia qualitativa, com base no procedimento etnográfico, abordagem hipotético-dedutiva, entrevistas semi-estruturadas e observação no campo de análise. Trabalhamos com uma amostra de 15 crianças de rua com base na amostragem não probabilística por acessibilidade.

No entanto, defendemos o argumento de que o estigma leva a sociedade a tratar as crianças de rua de uma maneira que tem contribuído para a permanência das mesmas nas ruas. Assim, vemos que o estigma não só está presente na vida das crianças de rua, mas que influencia para a continuidade deste fenómeno. É portanto, um dos factores importante para a explicação da vitalidade de crianças de rua. Ora, as crianças de rua no contexto familiar assim como no seio dos vizinhos são rejeitadas, desconfiadas, e pelo conhecimento que estes têm do perigo que elas representam em função da forma como as concebem, faz com que as crianças de rua tenham pouca possibilidade de gerirem o seu estigma, e a difícil interacção social que se verifica nestes contextos tem influenciado na fuga das mesmas aos espaços onde possam reduzir a aplicação do tal estigma, evitando deste modo estarem sujeitas constantemente a situações de inferiorização.

Contudo, a permanência nas ruas se explica pela possibilidade de encontrarem maiores espaços e estratégias para encobrir o seu estigma, assim como o amparo, afecto, carinho, irmandade que encontram vindos de certos grupos sociais que estão dispostos a manter com elas um contacto de forma incondicional, grupos como de seus iguais e demais membros da sociedade.

Palavras-chave: *Estigma, Crianças de rua, interacção social, rejeição social.*

Abstract

Based on study of street children, this monograph analyses the children living on the street as a phenomenon linked to the stigma they face. The study was conducted in Maputo, “Ponto final”, where we find the street children. The place is also busy by car and people. The study was based on Goffman's Stigma theory (1988), part of the theory of Symbolic Interactionism developed by the Chicago School in the United States of America around the late 20th century. Data was collected through qualitative methodology, based on ethnographic procedure, hypothetical-deductive approach, semi-structured interviews and observation in the field. A sample of 15 street children on the basis convenient sample was selected.

The argument of this study is that stigma which street children are subject means that they are primarily driven from home and secondly it keeps them living on the streets. Thus the stigma is not only in the life of street children, but also influences the continuity of this phenomenon. It is therefore important factor in explaining the vitality of street children. Therefore, street children within the family and within the neighborhood are rejected, suspicious, and the knowledge they have of the danger that street children represent a function of how they design, make street children have unlikely to manage their stigma, and the difficult social interaction that occurs in these contexts has affected the escape of street children to places where they can reduce the application of such stigma, thus avoiding being constantly subject to situations of inferiority.

However, the remain of children in the street is explained by the possibility of finding more space and strategies to conceal their stigma as well as the support, affection, affection, brotherhood that are coming from certain social groups who are willing to maintain contact with children street unconditionally, as groups of their peers and other members of society by reason roads are willing to live with them.

Keywords: *Stigma, Street children, social interaction, social rejection.*

Declaração de honra

Eu, Augusto Bartolomeu Sixpence, declaro que este projecto de investigação nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

Augusto Bartolomeu Sixpence

Dedicatória

Dedico este trabalho a si SIXPENCE,

Aos SIXPENCE's da minha vida:

Meus pais e meus irmãos,

Principalmente a ti LULÚ, que seja um motivo de inspiração.

Agradecimentos

Por mim, não agradecia a ninguém, porque todos vocês participaram na minha formação, directa ou indirectamente. Digo isto, porque eu sou eu em função dos outros, se não existissem vocês, vocês os outros eu não seria eu. Bem, mas há pessoas dentre todos “outros/vocês” que merecem um tratamento especial e diferenciado.

O meu maior e grande *tabonga vai* à minha mãe Elisa e meu pai Bartolomeu, que me deram os ensinamentos da vida e pelo apoio constante. Agradeço também ao SIX, essa é para ti mais velho. Agradeço a si mestre, *big Bró* pelas lições da vida, pela motivação e inspiração que tens me dado, não deixando de lado também aos puxões de orelha que me dás em caso de necessidade, pela confiança que tens depositado. A si pai de Nelsa, que continue sendo aquele irmão que tem sido, agradeço muito a si pelo ombro irmão, pela presença física no processo da minha formação, aí vai um *many thanks*. Agradeço também a família Palma Pinto pela recepção e amizade durante a minha formação.

Vai um grande *thanks* a minha namorada Cinthia pela paciência e companhia. A vocês sociólogos/sociologistas da geração de 2006, em particular atenção ao *dream team*. Agradeço muito a ti *Madjei*, a ti *Djamas* e a você *Viví*, vocês foram os tais colegas que toda gente gostaria de ter.

Agradeço também as pessoas que directamente tornaram possível esta monografia, ao Dr. Baltazar meu supervisor, pela amizade, pelo seu jeito sereno e paciente de ensinar, por acreditar em mim e por me ensinar o caminho a seguir. À Dr.^a Ellena Colonna pela amizade, atenção, confiança e segurança em me dar a mão em todos os momentos de dúvidas e incertezas assim como pela sua presença no momento inicial da formulação do problema em causa. Por fim, ao Dr. Obede Baloi, pelo seu ser calmo e ouvinte, por me colocar dentro dos carris no momento em que saia, assim como por me ajudar a iniciar esta jornada do conhecimento e de pesquisa. Agradeço muito a vocês pelas orientações, pelas críticas e tudo o resto que possibilitou a que este projecto se tornasse uma realidade.

Tabonga

O meu muito obrigado!

Léxico de siglas

AV. – Avenida (s).

CDC - Convenção sobre os Direitos da Criança

CVM - Cruz Vermelha de Moçambique

INE – Instituto Nacional de Estatística

MDM - Meninos de Moçambique (Associação)

MISAU – Ministério da Saúde

MICAS – Ministério para a Coordenação da Acção Social

MMCAS - Ministério da Mulher para a Coordenação da Acção Social

MMAS – Ministério da Mulher e Acção Social

OIM – Organização Internacional para Migração

ONG – Organização Não Governamental

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

ONU - Organização das Nações Unidas

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

HIV- Vírus de Imunodeficiência Humana

SIDA - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

OIT – Organização Internacional de Trabalho

Introdução

Crianças vivendo na rua como um fenómeno

ligado ao estigma a que estão sujeitos¹.

Com cerca de 20 milhões de habitantes e uma extensão de 799.380 km², Moçambique é um país paradoxal, por um lado rico em recursos naturais e por outro enfrenta um desafio de promoção de desenvolvimento com mais da metade de sua população necessitando de recursos básicos para sobrevivência. No Relatório de Desenvolvimento Humano Local de 2007, o índice de Desenvolvimento Humano de Moçambique situava-se na posição 172 dos 177 países signatários da ONU (PNUD, 2007).

No mundo e principalmente nos países em desenvolvimento como é o caso de Moçambique, vem sendo estimulado o desenvolvimento de políticas de protecção e promoção dos direitos da criança. Nesta lógica, Moçambique aderiu e ratificou a convenção das Nações Unidas sobre os direitos da criança em 1990. Este acto, significou o assumir de um compromisso de luta pela sobrevivência, protecção e desenvolvimento da criança moçambicana a todos os níveis da vida política, social, económica e cultural.

Dentre várias situações que afectam as crianças moçambicanas, o fenómeno de crianças em situação difícil, particularmente o de criança de/na rua, tende a crescer drasticamente, principalmente nas grandes cidades, centros turísticos, lugares de maior aglomeração de pessoas e zonas fronteiriças (Rede da Criança, 2003). De acordo com Loforte (1989) esta situação deve-se em parte a conjuntura política e sócio-económica do país pós-guerra que tornou enfraquecida a estrutura sócio-familiar, originando a degradação de valores ético-morais, o enfraquecimento do papel educador da família e a existência de um grande número de agregados familiares em situação de pobreza absoluta.

É uma realidade no contexto moçambicano, principalmente nos centros urbanos sermos abordados por crianças em situação de vulnerabilidade, que se dirigem aos demais membros da sociedade quer nos mercados, nos passeios, nos parques de estacionamento, nas portas das lojas ou

¹ Pretendemos demonstrar ao longo desta monografia que o estigma como uma variável sociológica pode ser um factor preponderante para explicar a existência do fenómeno crianças vivendo na rua.

seja em qualquer outro lugar para obter algum dinheiro, servindo como fonte de sua subsistência. Portanto, há aqui um contraste, enquanto a maior parte dos cidadãos faz da rua um espaço de trânsito, de passeio, etc; algumas crianças fazem dela, a sua moradia, local onde dormem, trabalham, comem, brincam e fazem um pouco de tudo. Além disso, este fenómeno vem contrapor o conjunto de expectativas que se têm a volta das crianças de forma geral, que estejam dentro duma família, nas creches e em outras instituições sociais reconhecidas como dignas para a sua estadia (Marchi, 2007).

Acreditando que este problema afecta não só as próprias crianças de rua, mas também a sociedade no geral, questionámos sobre os motivos que fazem com que este grupo permaneça nestes locais e não encontramos uma explicação que nos convencesse *a priori*. Foi assim, que pensamos em navegar neste mar de águas turvas, a luz da imaginação sociológica, para descortinar as razões da existência ou continuidade deste fenómeno. Como diz Berger (1986), cabe a sociologia descobrir o que está por detrás das cortinas das fumaças verbais, o porquê das coisas. Assim, perguntámos sobre as razões da vitalidade deste fenómeno.

A pesquisa bibliográfica mostra que não se trata de um fenómeno recente, já vem desde épocas passadas e que acentuou-se no período pós-guerra, devido ao êxodo rural e vários outros factores a que a ele estão relacionados (Loforte, 1989). No âmbito geral, a pesquisa bibliográfica permitiu-nos constatar a existência de duas abordagens na literatura que versam sobre a criança de rua em Moçambique, uma de carácter intervencionista e outra etnográfica.

De acordo com a pesquisa bibliográfica, constatou-se que existem aspectos que são tomados em consideração quando se fala de crianças de rua, deixando-se de lado variáveis de relevância sociológica. Pelo tipo de abordagem que é tomada, pensamos que seja importante compreender este fenómeno a luz de outros factores, evocando para tal o conceito de estigma para apreender o problema em causa. O chamamento ao estigma, deve-se ao facto deste representar um conceito que os sociólogos ou investigadores criaram para apreender fenómenos a margem da normalidade, e neste caso particular, a criança de rua que se encontra numa posição marginal, contrariando o quadro de expectativas que se tem sobre uma criança, condicionando a sua aceitação ou rejeição em vários espaços de sociabilidade.

O presente trabalho, requisito para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia, intitula-se “Crianças Vulneráveis em Moçambique: um olhar sobre o papel do estigma na permanência de crianças que vivem nas ruas da cidade de Maputo”. O estudo tem como objectivo principal analisar de que modo o estigma pode influenciar a permanência de crianças que vivem nas ruas.

Para o efeito, a Cidade de Maputo é considerada como o local deste trabalho, tendo como referência “Ponto final”, no cruzamento entre as avenidas Eduardo Mondlane e Guerra Popular, local que, para além de muito movimentado, é também partilhado por crianças de rua, o grupo alvo da nossa pesquisa.

A literatura mostra que existe um conjunto de factores que levam crianças a saírem de casa, fazendo-os ver a rua como um escape, como um espaço de maior liberdade, etc., mas interrogámo-nos se para as crianças que se encontram nas ruas, este espaço é realmente condigno para viver se comparado com o de sua origem (casa), junto de seus familiares; em que medida a rua responde as suas expectativas outrora levantadas aquando da saída de casa?

A sociedade, ao criar as regras sociais de convívio, também cria o desvio assim como um conjunto de estereótipos, atributos desqualificadores, marcas negativas para identificar as pessoas que se encontram fora das regras de conduta, e estes atributos interferem no desenrolar duma interacção social. Assim, questionámos “se o estigma, atributo negativo a que as crianças de rua são atribuídas e sujeitas não influencia a permanência delas nas ruas da cidade de Maputo?” Esta é a nossa inquietação e como argumento central para a nossa monografia, entendemos que o estigma leva a sociedade a tratar as crianças de rua de uma maneira que tem contribuído para a permanência das mesmas nas ruas.

Foi-nos possível apreender o nosso objecto com ajuda da pesquisa qualitativa pois, este método dá-nos a possibilidade de captar aspectos qualitativos da vida social, como representações sociais, significados que os actores dão dos seus actos. Aliado a este método, o trabalho foi feito em duas fases: na primeira fase fizemos a observação do nosso grupo alvo na presença física imediata dos restantes membros da sociedade, os “normais”, para compreender como se processa a interacção social entre estes dois grupos. Na segunda fase, procedemos as entrevistas com crianças que vivem na rua, de forma a explorar perguntas chaves do nosso estudo.

Roteiro da Monografia

A monografia se encontra dividida em oito capítulos. Restringiu-se ao primeiro capítulo o mapeamento do estado em que se encontram as crianças em situação difícil em Moçambique. O segundo capítulo é dedicado a revisão da literatura, onde analisamos o estado em que se encontra o tema em discussão, isto é, apresentamos os estudos feitos na área da criança de rua de forma a nos inteirar sobre as abordagens que são tomadas em consideração. A partir deste exercício formulamos o nosso problema de estudo, apresentando a questão de partida, hipótese e os objectivos. No capítulo três, apresentamos a justificativa e relevância do trabalho a nível teórico e prático.

É reservado à apresentação do quadro teórico o quarto capítulo. Assim sendo, baseamo-nos na teoria de estigma defendida por Goffman (1988). Esta abordagem dá-nos ferramentas suficientes para perceber o fenómeno de permanência de crianças nas ruas da cidade de Maputo, as razões da sua continuidade nestes espaços. Garante-nos ainda, como o estigma a que certos grupos sociais são vítimas pode interferir no decurso de uma interacção social, levando a que estes grupos sejam rejeitados influenciando por conseguinte para a sua própria rejeição, isto é, escolhendo cuidadosamente indivíduos com quem se relacionar assim como espaços de frequência.

No capítulo cinco apresentámos os conceitos que nos permitiram uma maior compreensão do problema em causa. O capítulo seis é referente a apresentação da metodologia, que foi essencialmente qualitativa. Apresentamos no entanto a abordagem, o procedimento, as técnicas e com mais enfoque a selecção e composição da nossa amostra. Terminamos este capítulo com os constrangimentos deparados ao longo deste trabalho. A seguir, no sétimo capítulo, apresentamos e discutimos os dados por nós colectados. Esta parte do trabalho está dividida em quatro sub-capítulos, onde o último deste se encontra dividido também em quatro sub-capítulos.

No primeiro sub-capítulo do sétimo capítulo apresentamos o nosso campo de análise, a zona do “Ponto Final”, local onde foi feita a pesquisa empírica. De seguida, descrevemos o quotidiano das crianças de rua que compõem a nossa amostra. Mais adiante, apresentámos os traços gerais das crianças de rua, assim como a sua origem. No quarto sub-capítulo apresentamos as causas do fenómeno crianças de rua. Dividido este sub-capítulo em quatro partes, a primeira

reservamos à análise de como se processa o contacto das crianças de rua com os seus familiares aquando da sua tentativa em regressar para o convívio familiar. Após este ponto, dedicamos a apresentação das motivações que levam as crianças a deixarem o contexto familiar, seguindo a vida de rua.

Na fase posterior, destacámos os olhares diferenciados que as crianças de rua têm sobre a casa, isto é, o contexto familiar, com a rua local onde as encontramos. Por fim, reserva-se a discussão relativa a rua como um espaço de refúgio destas crianças, isto é, que factores elas encontram neste espaço que as fazem residentes de rua. Finalmente, reservámos ao oitavo capítulo, às conclusões preliminares do presente trabalho.

Capítulo 1

1.1 Panorama geral de crianças em situação difícil em Moçambique

Segundo UNICEF (2006) existe em Moçambique cerca de 10 milhões de crianças mas, não sob mesmas condições, umas sob condições mais adversas que outras. Dentro deste número, encontramos um conjunto de crianças em estado de maior vulnerabilidade indo desde crianças afectadas ou infectadas pelo HIV/SIDA; crianças vivendo em agregados familiares chefiados por outras crianças, por jovens, por mulheres ou pessoas idosas; crianças vivendo em agregados familiares chefiados por um adulto com doença crónica; crianças vivendo em instituições como orfanatos, prisões, instituições de saúde mental; crianças em conflito com a lei (crianças a contas com a lei por causa de pequenos crimes); crianças portadoras de deficiências; crianças vítimas de violência; crianças que são vítimas de abuso e exploração sexual; crianças que são vitimas de tráfico; crianças casadas antes da idade legal; crianças que são vitimas de piores formas de trabalho infantil; menores que vendem águas nos cemitérios, crianças refugiadas ou crianças que foram deslocadas internamente até crianças vivendo de e na rua.

De forma geral, por vários factores estas crianças são privadas de exercer e viver os seus direitos básicos consagrados pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (CDC, 2006), documento de que Moçambique é signatário desde 1994. De acordo com o relatório da UNICEF (2006) estas crianças estão sujeitas a problemas como privação severa da nutrição, de água, de saneamento, de saúde, de abrigo, de educação, de informação e de consumo.

Com base no estudo feito pela UNICEF (2006) com dados referentes a 2005 e 2006, uma em cada cinco crianças com menos de cinco anos de idade está severamente privada em termos nutricionais. Mais ainda, 49% das crianças enfrentam privação severa de água e 47% vivem privação severa de saneamento, o que faz da água e do saneamento as privações mais generalizadas vividas pelas crianças. O mesmo estudo revela que cerca de uma em cada cinco crianças estão severamente privadas de educação, com massivas disparidades por províncias, área de residência, sexo, nível de educação do chefe do agregado familiar e riqueza.

Muito se tem feito para reduzir as taxas de vulnerabilidade de crianças submersas a várias situações difíceis. Um desses esforços foi a ratificação da Convenção sobre os Direitos da Criança

pelo Estado com vista a manter ou criar um ambiente são e tranquilo para todas crianças moçambicanas. Aliado a este, surgem várias organizações da sociedade civil de forma paralela ao Estado, que promovem os direitos da criança, lutando contra o seu tráfico para o trabalho infantil e principalmente para indústria sexual. Portanto, este caso representa um dos grandes problemas que se tem verificado, além do caso de crianças de rua que com elas nos deparamos nas artérias de algumas cidades moçambicanas, o caso de Maputo, Beira, Nampula.

Dada a situação em que muitas crianças moçambicanas se encontram e que vivenciam no seu quotidiano, apesar dos esforços do governo, da sociedade civil, de organizações não governamentais (ONG's) e de outras organizações de carácter comunitário, as acções que têm sido desenvolvidas não produzem impactos positivos. Além disso, muitas crianças continuam em situação difícil, continuam sendo o grupo mais propenso a violação de seus direitos através de práticas como o trabalho infantil, tráfico, exploração sexual, violência, extracção de órgãos humanos e outros.

Um grupo destas crianças, pela sua condição tem adoptado estratégias de sobrevivência que lhes tornam ainda mais propensas a situação difícil ou de carência, o que lhes coloca em situação vulnerável. Nesta lógica, podemos constatar no que diz respeito a força de trabalho, o inquérito sobre a força de trabalho realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2004/2005, indica que cerca de 32% das crianças dos 7 aos 17 anos estão envolvidas em algum tipo de actividade económica. Esta realidade apenas agrava a sua situação do ponto de vista dos seus direitos consagrados pela CDC (2006).

De acordo com o UNICEF (2006), a maior parte das crianças moçambicanas se encontram numa situação de pobreza extrema pois, a forma como estas vivenciam a pobreza varia e difere de como os adultos vivenciam, e os problemas ligados a pobreza que vivenciam como malnutrição crónica, desenvolvimento mental reduzido, ou trauma psicológico vividos na infância tem afectado a criança para o resto da sua vida. Estas crianças se encontram privadas de muitos dos seus direitos, tais como o direito de sobreviver, de se desenvolver, de participar e de serem protegidas.

Esta situação de acordo com o UNICEF (2006) é uma realidade no contexto Moçambicano. O mesmo estudo refere que entre 2005 a 2006, 17% das crianças moçambicanas com menos de

cinco anos de idade estavam severamente privadas de saúde e as crianças em agregados familiares cujo chefe não tem escolaridade, tinham uma probabilidade três vezes maior de enfrentar uma privação severa de saúde, do que crianças em agregados familiares chefiados por uma pessoa com o nível de escolaridade secundário ou superior.

O estudo feito pela OIM (2005) sobre o tráfico de crianças e mulheres na África Austral realizado em 2002/3, constatou que Moçambique é tanto um país fonte como um país de trânsito de actividades de tráfico na África Austral. O estudo descreve que aproximadamente 1.000 mulheres moçambicanas e crianças são anualmente traficadas para a África do Sul. Aliado a este, um estudo feito pela Save the Children UK (2003) indica também a importância da mais vasta questão da migração transfronteiriça de crianças mas, esta situação é de natureza mais voluntária e menos coerciva. Alega-se então que esta natureza que parece voluntária é causada pela situação difícil que estas crianças se encontram, vendo a migração como uma válvula de escape, sendo esta prática mais visível em famílias chefiadas por crianças ou por idosos com doenças crónicas.

Assim sendo, as crianças que emigram tornam-se muito mais vulneráveis ao tráfico, tanto em Moçambique como nos países de destino, tendo pouco acesso a mecanismos de protecção social ou serviços públicos. Aliado a esta abordagem, as crianças que chefiam agregados familiares têm uma probabilidade maior do que outras crianças de trabalharem em condições de exploração, de serem estigmatizadas, de correrem o risco de tráfico, de serem sujeitas à violência, abuso e negligência ou de serem forçadas a passar a viver na rua.

Estatísticas do INE (2007) de Moçambique estimam que em 2005, cerca de 1,6 milhões de crianças (0-17) anos sejam órfãs, sendo 733.137 devido ao SIDA. Estas crianças são obrigadas a assumirem responsabilidades muito cedo, responsabilidades pelos cuidados dos seus pais doentes, no sustento do agregado familiar ou mesmo tornarem-se chefes da família com a morte de ambos os pais. Esta situação tem levado estas crianças a uma situação de menor capacidade de protecção, implicando assim um maior incremento a vulnerabilidade, a exploração e aos abusos. Além disto, esta realidade tem levado este grupo de crianças a deixarem muitas vezes de estudar, para cuidar dos irmãos mais novos ou serem envolvidas noutras actividades produtivas. Assim, todas as crianças em situação difícil em Moçambique, pela sua condição têm adoptado um conjunto de

estratégias para fazer face a tal situação mas, muitas destas estratégias têm contribuído para agravar o estágio em que se encontra a luta na promoção e defesa dos direitos da criança.

Neste prisma, as crianças órfãs de sexo feminino têm recorrido à prostituição como fonte de rendimento, as outras recorrem à rua como sua moradia, lavando e guardando carros, vendendo pequenos bens alimentares, como ambulantes, muitas destas envolvidas em trabalhos forçados, outras usadas pelos seus familiares em adoptar meios que ajude na renda familiar (UNICEF, 2006). São ainda usadas como mão-de-obra infantil e barata e, as vezes, não remunerada, trabalhando nas machambas, vendendo pequenos produtos. Alega-se ainda que é a questão de carência que leva a maior parte de raparigas a casamentos precoces, como uma estratégia de sobrevivência para se libertar da pobreza aguda a que se encontram envolvidas. Estas crianças se encontram numa situação de maior vulnerabilidade as infecções de HIV/SIDA assim como a malária.

Contudo, fora do que acima mencionamos, têm sido dados passos significativos pelo Governo de Moçambique, assim como das organizações da sociedade civil para melhorar os instrumentos políticos e legais² de protecção da criança contra violência, abuso e exploração, para assegurar o acesso das crianças mais vulneráveis a serviços sociais básicos, como escola, assistência médica.

² Referimo-nos a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), a Carta Africana sobre os Direitos do Homem e do Povo (1981), a Carta Africana sobre os Direitos e bem-estar da Criança, da Organização na Unidade Africana (1999), a Convenção relativa a proibição e acção imediata para a eliminação das piores formas de Trabalho Infantil, da Organização Internacional de Trabalho (OIT), a Declaração de Chóque (2002) e outros, dos quais Moçambique é signatário.

Capítulo 2

2.1. Da pesquisa literária à formulação do problema

Uma das formas de se construir um problema de pesquisa é com base na noção do que existe sobre um dado problema e a forma como é abordado. Assim, na presente etapa apresentamos em primeiro lugar as reflexões existentes em torno de crianças de rua para depois definirmos a problemática do estudo.

O fenómeno crianças de rua já é bastante antigo, não se trata de um fenómeno novo para a sociedade moçambicana. Loforte (1989) em “Um perfil de criança de rua em Moçambique: um estudo de caso nas maiores cidades do País”, vê o fenómeno de crianças de rua associado a guerra civil dos 16 anos. A guerra, pelas suas consequências, criou um grande êxodo rural, movimentou a população de campo à cidade. Além deste facto, desestruturou famílias, ordem social, fomentando a emergência de crianças vivendo nas ruas.

A autora associa também este fenómeno a incapacidade do Estado em responder a crescente procura pelos serviços sociais nestas cidades, como escolas e centros de acolhimento. Pela ausência ou em taxas reduzidas destes serviços, as crianças passaram a olhar a rua como uma válvula de escape, fazendo desta o seu lar, espaço de lazer e local de trabalho. Loforte observa que existe uma certa organização entre as crianças de rua, estando os mais velhos na posição de líderes, havendo neste espaço um conjunto de regras de conduta que se exige a obediência por parte dos seus membros, existindo também uma redistribuição dos ganhos pelos componentes do grupo.

Neste quadro de análise, Loforte defende que a rua providencia afecto às crianças e elas próprias têm consciência do clima de extrema violência quer física quer moral que existe entre os grupos e com a sociedade. Constata que nos grupos não só se oferecem uma certa inter-ajuda, mas também constitui um ponto de referência para as tais crianças. A autora nega o que outros estudos desta temática dizem, de que a rua é para a criança um espaço de muita liberdade, pois, para autora esta liberdade que tanto se fala é fictícia e insegura.

Para Sales e Mousse (2000) em “A criança da rua: sobrevivência difícil, análise da situação actual da criança de rua; estratégias de prevenção e redução do fenómeno”, a questão de crianças

de rua está associada a três aspectos fundamentais inter-relacionados, nomeadamente o fluxo das populações às cidades durante o último conflito armado fugindo da guerra e à procura de melhores condições de vida, a reestruturação económica e a carestia da vida que contribuíram para a perda de valores morais e culturais.

Dentre vários factores identificados como causas, os autores destacam os seguintes: falta de satisfação das necessidades básicas (alimento, habitação, educação, saúde, estímulo, amor, estabilidade), baixo rendimento sócio-económico da família, insuficiência da rede escolar, fome, maus-tratos, violência doméstica, desintegração familiar, influência dos amigos, atractivos urbanos, a instabilidade conjugal, divórcios e separações, tensões psicológicas, degradação dos valores morais, guerra, desemprego e calamidades naturais.

Mauluquela (2005), na sua monografia sobre “A vida na rua: razões e objectivos, um estudo sobre as motivações das crianças na e da rua, na cidade de Maputo”, defende que a ida à rua é um fenómeno ligado a necessidade e posse de dinheiro. Para a autora, a prevalência de crianças vivendo na rua está relacionada ao facto de que na rua, elas conseguem ter algum dinheiro que lhes possibilitem a aquisição do que necessitam. Aliado a necessidade de dinheiro, este grupo é bastante influenciado pelos amigos que já lá se encontram, facto que lhes leva também à rua.

Ainda na dissertação de Mauluquela, a autonomia que as crianças encontram na rua, medo de represálias por terem cometido alguma vez um erro, a não identificação com os valores que os pais lhes atribuem, assim como falta de referência no seio da família são apontados como possíveis factores de ida e prevalência destas crianças nas ruas. Ademais, a rua aparece como espaço de fuga das responsabilidades domésticas, vista como um espaço de muita liberdade, que não é encontrada no seio da família.

Um estudo feito pela Associação Meninos de Moçambique (MDM/2006) intitulado “Projecto de assistência social a crianças de rua”, aponta para o fenómeno crianças vivendo nas ruas, como reflexo da estrutura familiar, isto é, lares cujo pai ou a mãe faleceram. Esta situação na visão desta associação cria uma desorganização e caos na família, abrindo espaços para a fuga das crianças para outros meios, dentre eles a rua com maior peso. Portanto, de acordo com MDM

(2006) as crianças que vivem em contextos de famílias monoparentais são mais vulneráveis de deixarem o seio familiar procurando se abrigar nas ruas.

MDM entende que um dos factores que tem propiciado a prevalência do problema é o facto de muitas crianças serem oriundas de contextos de famílias desempregadas, influenciando no seu desinteresse em voltar a casa, onde existe maior probabilidade de passar a fome que outrora passaram. Face esta realidade, as crianças vivendo nas ruas são obrigadas a se adaptarem, isto é, adoptarem formas que garantam a sua sobrevivência. As estratégias que este grupo tem adoptado resumem-se na lavagem de carros, pedido de esmola, transporte de cargas, guarda de carros e é pelo facto destas actividades renderem, que fazem com que estas permaneçam nas ruas.

Scully (2000), no seu estudo sobre “as meninas de rua de Maputo”, centra suas análises nas interpretações que as crianças (as meninas de rua) têm sobre a sua própria vida e as suas motivações. Aponta os maus tratos, a influência dos amigos, a fuga por medo de repreensão por delitos cometidos, fracas relações com a família como motivações para a saída de crianças de casa para a rua.

Mussa (1992) em “os meninos de Moçambique”, identifica dois tipos de crianças, as crianças de rua e as crianças na rua. As crianças de e na rua são vistas pelos olhos da sociedade como “molwenes³”.

Pinto (2002) na sua monografia sobre “a construção social da criança de rua: um estudo sobre as percepções e práticas relacionadas com a criança da rua em Moçambique”, constata que a ideia da existência de crianças de rua cristaliza-se em função da noção que se tem sobre uma dada criança, isto é, o que se espera duma criança. Neste caso, a ideia de criança de rua resulta da percepção de que uma criança “normal” deve viver numa casa com os familiares ou protectores e não na rua. Neste âmbito, as crianças de rua, a sua existência não é em função de uma essência ou algo natural, mas como resultado de uma construção social.

Dzivane (2006), na sua monografia intitulada “vivendo em paralelo, um olhar sobre as relações sociais, estratégias de sobrevivência e representações dos meninos de rua, o caso de

³ “Molwenes” é um termo pejorativo que significa vagabundo, marginal e miserável. É a forma como a sociedade considera as crianças de/na rua.

alguns grupos da cidade de Maputo”, constata que em relação a estrutura de grupos há uma subordinação de uns em relação aos outros. Esta subordinação tem-se dado sobretudo em função da idade, coincidindo que os mais velhos são os mais fortes fisicamente acabando por dominar os mais novos. Ademais, a liberdade aqui é como se fosse total, os meninos fazem muitas das vezes o que lhes apetece.

Dzivane alega também que este grupo se encontra deslocado das instituições sociais dignas para sua vivência e sendo assim, eles concebem-se como vítimas e sofredoras. O autor constata que as crianças de rua estão fortemente sujeitas a frio, mosquitos, dormindo ao ar livre e sobre o papelão ou esteiras colocadas no passeio. O autor observa que as crianças de rua normalmente têm dormido em aglomeração, junto um ao outro, partilhando deste modo os cobertores que são na visão do autor insuficientes. Verifica-se ainda que não só a sociedade tem ignorado as crianças de rua mas, elas vivem aparentemente ignorando as pessoas ao seu redor e a sociedade de forma geral. Portanto, não só os restantes membros da sociedade têm ignorado este grupo, mas estes por sua vez ignoram-os também.

Estudo feito por MMCAS (1997) intitulado “A criança de rua e os centros de acolhimento: um estudo de caso nas províncias de Maputo, Sofala, Zambézia” constata que as crianças de rua, de forma geral têm maior facilidade de se relacionar com adultos do que os adultos para com elas pois, os adultos partem de princípio que elas sejam agressivas e anti-sociais (MMCAS, 1997:15).

Leite (1998) em “A razão dos invencíveis, meninos de rua: o rompimento da ordem” alega que as crianças de rua, em casos de projectos de reintegração às suas famílias, dificilmente aceitam os tais projectos pois, elas são como invencíveis, não aceitam se subordinar a uma razão dominante, pelo facto desta mesma razão ignorar a cultura das crianças de rua. Neste estudo, constata-se que as crianças de rua sentem que viver sozinhas na rua é insegura e insuportável e é por este motivo que elas vivem em grupos.

“Do outro lado do espelho: como construir o mito de bandido ou herói”, um estudo feito por Silva (2003), constata que a sociedade mais vasta vê as crianças de rua com muito espanto, com medo, transformando-os em mitos (seja de bandidos ou de pobres coitados) e não seres iguais aos outros que precisam de sentir-se vivos. Face a esta representação que a sociedade tem das

crianças de rua, elas próprias constroem-se como mitos, transformando em atitude de enfrentamento na rua, deslocando-se aos espaços mais obscuros, reduzindo deste modo a possibilidade de interacção social com os restantes membros da sociedade que não fazem parte de seu grupo. O mesmo estudo constata que as crianças de rua concebem-se como vítimas de uma sociedade duplamente má, por tê-los posto na rua e pelo facto desta mesma sociedade não apoiá-las uma vez na rua.

Com base nesta revisão literária, nota-se que os temas recorrentes não exploram com clareza a questão do estigma que as crianças vivendo na rua são atribuídas e sujeitas no seu dia-a-dia, isto é, como esta variável pode ser um factor influente para a existência ou continuidade deste fenómeno. Explora-se com mais incidência que as causas deste fenómeno giram a volta da independência que elas encontram nas ruas, factores económicos dos seus familiares, maus tratos, por influência de amigos que se encontram presentes nas ruas.

A nossa posição é de que os factores acima levantados não são suficientes para explicar e compreender as causas do fenómeno crianças vivendo na rua. Existem alguns aspectos que não têm sido considerados como relevantes nestas discussões, isto porque a “sociedade designa um grande complexo de relações humanas ou, para usar uma linguagem mais técnica, um sistema de interacção” (Berger, 1998:36). Assim, a interacção social é o aspecto vital em todas sociedades e, são aspectos relacionados a interacção social que na nossa óptica não são tomados tanto como relevantes para explicar a continuidade de fenómeno crianças de rua.

Esquece-se que as crianças de rua representam um grupo da população em estado de maior vulnerabilidade (UNICEF, 2006) e um dos aspectos que os tornam vulneráveis é o facto de se encontrarem à margem da normalidade, facto que os leva a serem estigmatizadas, isto é, rotuladas, discriminadas, isoladas e rejeitadas. Este facto acontece porque as crianças de rua frustram um conjunto de expectativas que se quer que cumpram e estas expectativas são frutos de uma construção social, que nos faz afirmar que as crianças vivendo nas ruas representam um grupo “fora de lugar” estando presente nelas o estigma, que por sinal é-lhes atribuído.

Neste âmbito, a atribuição do estigma à crianças de rua pode levar com que sejam encaradas como não merecedoras de uma aproximação plena, pelo facto de serem associadas a um

conjunto de atributos que os desqualificam e estes por sua vez podem interferir para a existência ou continuidade de uma possível interação social. No entanto, vários factores condicionam a ida e permanência deste grupo nas ruas da cidade de Maputo mas, uma vez na rua, serão as condições que a rua os oferece outrora procuradas, os que lhes fazem residir nestes espaços? Partindo do pressuposto que elas estão sujeitas a estigmatização, como é que esta característica que lhes é atribuída pode influenciar a sua permanência nestes lugares?

Contudo, com base nos estudos acima mencionados que consideramos ser de facto bastante reducionistas, procuramos com este trabalho analisar “de que modo o estigma pode influenciar a permanência de crianças vivendo na rua?” O pressuposto do estudo é de que o estigma a que as crianças de rua estão sujeitas influencia na permanência deste fenómeno. Deste modo, como a sociologia trabalha com conceitos e hipóteses que o real pode ou não confirmar, consideramos como resposta preliminar ao nosso problema o seguinte postulado:

- Se o estigma atribuído às crianças vivendo na rua leva a que este grupo seja rejeitado, isto é, inabilitando-os a uma aceitação social plena então, quanto maior for a sua rejeição, maior será a tendência de permanecer nas ruas, visto que haverá uma maior probabilidade de se auto-isolarem dos restantes membros da sociedade, refugiando-se por conseguinte nos grupos que partilham o seu estigma.

2.1.1. Objectivos

Sem discordar da perspectiva weberiana, de que não existe um factor determinante que possa explicar a ocorrência dum dado fenómeno mas que existe uma associação de factores, que de forma conjunta explicam a ocorrência dum facto, consideramos por motivos de exequibilidade e de relevância sociológica a variável estigma, como factor de explicação das causas do fenómeno “crianças vivendo nas ruas”. Assim sendo, temos como nossos objectivos os seguintes:

Objectivo geral:

- Compreender as causas de crianças vivendo na rua como um fenómeno ligado ao estigma a que estão sujeitas.

Objectivos específicos:

- Estudar a forma como se processa o contacto entre as crianças de rua com os seus familiares e demais membros da sociedade na presença física imediata uns dos outros;
- Analisar a percepção que as crianças de rua têm sobre a casa de origem assim como da rua;
- Identificar quais grupos que as crianças de rua com mais facilidade entram em interacção;
- Descrever o quotidiano das crianças de rua;
- Identificar as estratégias que as crianças de rua adoptam quando são rejeitadas no contexto familiar e em outros espaços;
- Compreender como as crianças de rua concebem os “normais” e como elas se sentem percebidas por estes.

Capítulo 3

3.1. Relevância e pertinência sociológica

Há um conjunto de explicações que acabam virando meta-narrativas quando se fala de crianças de rua. A ideia de meta-narrativas para Lyotard (2004) se refere a quadros de referência que estruturam a forma como as pessoas interpretam a realidade (*apud* Macamo, 2005). A grande meta-narrativa que Lyotard associou a modernidade foi a razão. Foi a crença na razão que transformou as sociedades ocidentais, pela ruptura com o século das luzes, onde todos os fenómenos se atribuíam as explicações divinas. Assim sendo, a pós-modernidade é identificada por Lyotard como sendo o fim das meta-narrativas.

Pensamos que com este estudo, podemos romper com as meta-narrativas que são levadas a cabo para apreender o fenómeno crianças de rua. Muitos dos estudos realizados têm um carácter meramente intervencionista com perspectiva de resolver o problema e estes por sua vez têm reduzido o problema a factores económicos e familiares. Existem poucos estudos com perspectivas etnográficas que procuram compreender o problema de crianças de rua sob outras lentes até aqui pouco exploradas.

Vêmos o problema de crianças a residirem na rua como um fenómeno ligado ao estigma que lhes são atribuídos. Neste estudo, partimos de pressuposto que a forma como são concebidas e tratadas as crianças de rua em diferentes espaços contribui para que elas continuem a residir nas ruas. Pela complexidade do problema, pelo crescente número de crianças que continuam a permanecer nestes locais, é importante encarar este fenómeno sob outras orientações até aqui não tanto exploradas, a luz de conceitos sociológicos.

Encarar o fenómeno “crianças vivendo na rua” do ponto de vista interaccionista, procurando analisar como se processa a interacção social entre elas e os outros membros da sociedade na presença física um do outro, é o contributo que a monografia vai dar a literatura sociológica existente sobre o assunto. Demonstrando que o estigma não só está presente nestas crianças mas também interfere e influencia de certo modo nas interacções sociais com os demais membros da sociedade e sobretudo a sua permanência na rua, é um dos factos que nos leva a escrever a monografia.

Ademais, a relevância deste trabalho se prende na contribuição que pode directamente dar na qualidade da assistência às crianças de rua, visto que muitos trabalhos de reintegração social das crianças de rua em contextos de seus familiares levados a cabo por várias organizações da sociedade civil, que trabalham em prol das crianças em situação difícil não têm sido eficazes e indirectamente, no fornecimento de elementos que possam influenciar as políticas orientadas à atenção à criança vulnerável, em particular a de rua.

O estigma faz com que as crianças de rua sejam tratadas de certa forma, acreditando que seria diferente se não estivessem nesta condição. A maneira como as crianças interpretam o tratamento que lhes é dado, como se sentem quando são rejeitadas ou como elas se sentem percebidas de certeza pode influenciar as suas cosmovisões assim como as práticas e comportamentos a adoptar. Assim, pensamos que esta monografia de matriz sociológica possa permitir a análise do fenómeno crianças vivendo na rua sob outras perspectivas.

“Existem diferenças que excluem, inferiorizam e espectralizam os outros e estas por sua vez têm uma matriz puramente social...” (Serra, 1988, 19). É este ponto de vista que nos faz tomar o problema como de relevância sociológica, visto que, a sociedade reage de forma diferente aos aspectos que a ela são estranhos e não desejáveis, impedindo que os estigmatizados frequentem certos espaços.

Capítulo 4

4.1. Enquadramento teórico

Com este capítulo propomo-nos a apresentar o quadro teórico que servirá de base para apreensão do fenómeno crianças de rua. O pressuposto básico da nossa pesquisa é do Interaccionismo Simbólico, particularmente sob o prisma defendido por Erving Goffman (Sociólogo Americano da Escola de Chicago), na sua abordagem sobre o estigma. O Interaccionismo Simbólico, de acordo com Maia (2000), consiste numa corrente sociológica desenvolvida nos Estados Unidos da América, a partir da Escola de Chicago, tendo a sua origem nos anos 20 na Universidade de Chicago.

A expressão “Interaccionismo Simbólico” foi formulada por Blumer, em 1937, embora as origens conceptuais sejam muito mais antigas, passando a “referir a corrente que privilegia as significações elaboradas pelos actores no decorrer das interacções sociais” (Maia, 2000: 211-2). Esta perspectiva tem em vista descrever o desenrolar concreto das interacções sociais, na medida em que se considera que é nas situações de interacção que o sentido é construído pelos participantes. Considera-se que a interacção entre os diferentes actores sociais seja o lugar da construção social e que a concepção que os actores sociais têm da realidade social é, ela própria, objecto de estudo sociológico. Esta corrente dedica-se a observação do terreno, a observação participante e a recolha de dados qualitativos.

De acordo com Boudon (1990), a originalidade do interaccionismo simbólico está no facto de considerar a acção recíproca dos seres humanos e os sinais que o tornam visível como o fenómeno social mais importante. Nesta óptica, entidades como as sociedades, as instituições, as classes sociais ou a consciência colectiva não têm realidade independente das interacções sociais. Portanto, para o interaccionismo simbólico, o comportamento humano não é uma simples reacção ao meio ambiente mas um processo interactivo de construção desse meio.

Temos como inspiradores do interaccionismo simbólico Weber, Schutz, Hursel, Simmel, Mead e Goffman. É com Goffman que pretendemos compreender que o estigma a que as crianças de rua estão sujeitas, não só está presente nelas, mas influencia de certo modo para a existência da mesma, para a sua continuidade. No quadro do interaccionismo simbólico, Goffman se ocupou

especificamente dos rituais da vida quotidiana, as interacções face a face, as relações em público, e constatou que a interacção põe então, um problema de contacto, da gestão de co-presença corporal (Maia, 2000:212). Contudo, Goffman considera que a vida social é uma cena cujo modelo é o teatro e as interacções são representações sociais (apud Maia, 2000).

No discurso sociológico, o termo estigma assume quase sempre o significado atribuído por Goffman na obra “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (1988)”. É uma interessante viagem que Goffman faz nesta obra, pela situação de indivíduos incapazes de se confinarem aos padrões normalizados da sociedade, são indivíduos com deformações físicas, psíquicas ou de carácter, ou com qualquer outra característica que os tornem aos olhos dos outros diferentes e até inferiores e que lutam diária e constantemente para fortalecer e construir uma identidade social.

Goffman (1988) analisa nesta obra, os sentimentos da pessoa estigmatizada sobre si própria e a sua relação com os outros ditos “normais”. Explora a variedade de estratégias que os estigmatizados empregam para lidar com a rejeição alheia e a complexidade de tipos de informação sobre si próprios que projectam nos outros. Este livro, entretanto, ocupa-se especificamente com a questão dos contactos mistos, os momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma situação social, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa quer na mera presença simultânea, numa reunião informal.

Goffman faz uma grande apologia aos indivíduos estigmatizados que sofrem preconceitos por parte da sociedade na qual vivem. O estigma é motivo de exclusão social, olhares desconfiados e fala às escondidas. De qualquer forma, esses factores causam muito sofrimento ao indivíduo estigmatizado, que acaba por se isolar da sociedade e assim, por vezes perdendo a motivação para modificar seu estilo de vida.

Na Grécia antiga por exemplo, de acordo com Goffman, foi criado o termo estigma, este conceito estava relacionado a algum sinal corporal que representava um status, seja ele bom ou ruim. No entanto, quando alguém portava consigo uma característica ruim era evitado, principalmente em lugares públicos. Assim, Goffman (1988) alega que sempre a sociedade tentou estipular uma identidade social comum entre as pessoas exigindo que respeitem esses atributos por

ela estabelecidos, podendo o indivíduo sofrer sanções caso não sejam cumpridas, isto é, normas e regras, condição necessária para a vida social, implicando assim a existência duma identidade virtual aos seus membros. Então, as primeiras pré-noções de um sujeito que nos é apresentado vão depender da sua identidade social que ele apresenta. Estes aspectos levam a que os indivíduos façam afirmações daquilo que o indivíduo que está em sua frente deveria ser, assim, este carácter estabelecido ao sujeito, pode ser uma categorização efectiva, uma identidade social virtual.

“As características que ele apresenta possuir são chamadas de identidade social real, aquilo que os indivíduos numa situação concreta demonstram ser” (Idem, 1988:6). Quando estipulamos um atributo a um estranho, o classificando como diferente dos outros, desconsiderando que seja uma pessoa comum, reduzindo-o a um ser estragado e inferior, ou até superior a nós, estamos aplicando nele um estigma. Goffman demonstra que esta aplicação é em virtude de haver uma discrepância entre a identidade social virtual da real. Essa discrepância tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo, de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada e desrespeitada⁴.

Ora, o “estigmatizado” passa a ser caracterizado por um conjunto de marcas negativas, influenciando de seguida decisivamente as concepções e as acções dos demais em relação a estes, e vice-versa. Isto acontece porque a colectividade ao determinar seus limites morais, as fronteiras entre o “aceitável” e o “não aceitável”, acaba tomando grupos com características que fogem da identidade social virtual como seres “não aceitáveis”. Nesta lógica, Goffman afirma que as pessoas passam a evitar ter contactos com estes grupos pelo medo de serem confundidos ou identificados como fazendo parte do grupo.

Outrossim, a aplicação do estigma a um grupo afecta na forma como o tal grupo pode ser tratado, acabando por interferir no decurso normal de uma interacção social mista. Este facto faz com que a interacção social seja de hesitações, restrições, receios, pouca abertura e medo.

⁴ Goffman (1988) alega que a questão do estigma e seus sinónimos ocultam uma dupla perspectiva. Existe neste quadro indivíduos desacreditados e desacreditáveis. Ora, o desacreditado é o indivíduo que a sua característica distintiva que o estigmatiza já é conhecida pela sociedade, é já visível e as pessoas têm conhecimento deste facto antes de se entrar em contacto com ela e é com base neste conhecimento que vem o desrespeito, sendo discriminadas, afastadas de certos espaços de sociabilidade e inferiorizadas. Este facto é diferente para o caso dos desacreditáveis, estes por sua vez, representam os casos em que os aspectos que os tornam desacreditados ou estigmatizados não se reconheça logo e estes têm uma maior probabilidade de esconderem esta informação assim como manter algum respeito por parte da sociedade.

Ademais, “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação a maneira como os outros o identificarão e o receberão” (Goffman: 1988, 15). Assim, ao tentarem uma aproximação, um contacto, eles encontrarão várias barreiras para conseguirem fazê-los. Quando não conseguem vem a culpa pelo fracasso, surgindo decisões como: esconder o estigma; trocar de nome; a conscientização de que não podem ser eles mesmos, tendo que aprender a serem diferentes e encontrar uma segunda maneira de ser; e, acabam por perder a sua identidade se tornando um objecto da sociedade.

Neste prisma, surge no estigmatizado a sensação de não saber aquilo que os outros estão realmente pensando dele. “Isto faz com que muitas das vezes os estigmatizados se aproximem em contactos mistos por agressividade, provocando não só para eles mas também para os outros respostas desagradáveis e angustiantes” (Idem, 1988:18). A situação pode-se tornar tensa, incerta e ambígua para todos os participantes, sobretudo para a pessoa estigmatizada pela maneira como pode ser tratada, implicando uma separação entre estes grupos.

Um dos aspectos difíceis e dolorosos na questão do estigma e/ou preconceito é o relacionamento destes com os “normais”. Segundo Goffman (1988), acredita-se que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, faz-se vários tipos de discriminações, através das quais efectivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzindo suas chances de vida. Assim, segundo Goffman constrói-se uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a inferioridade de certos grupos e dar conta do perigo que ele representa.

Goffman demonstra que o estigma, baixa a auto-estima do ser estigmatizado, porém, este quando se depara com outro igual, que compartilha o mesmo estigma, poderá encontrar nesse, apoio moral pois, sabendo do peso de carregar tal estigma pode propiciar a vida do indivíduo estigmatizado na sociedade, fornecendo refúgio e amparo. Há um engajamento destes em grupos de pessoas que compartilham do seu estigma, como os alcoólatras anónimos, grupo de ex-viciados, idosos, movimento negro, de ex-presidiários, comunidades étnicas ou religiosas; sendo que quando um membro de um grupo desses entra em contacto com outro, os dois podem dispor-se a modificar o seu tratamento mútuo, devido à crença de que pertencem ao mesmo grupo.

Goffman (1988) mostra que o principal intuito desses grupos é mostrar aos outros tanto normais e estigmatizados que um indivíduo desse tipo pode ser uma boa pessoa. Portanto,

Goffman considera que há dois conjuntos de indivíduos onde o estigmatizado pode encontrar apoio: os iguais, que são aqueles que compartilham do mesmo estigma e os informados, que são normais e sabendo da condição do estigmatizado considera-o como uma pessoa comum, e o indivíduo que recebe o estigma não têm vergonha de mostrar sua situação para com este. Por sua vez, os informados podem ser divididos em dois grupos: o primeiro diz respeito as pessoas que têm uma informação sobre o estigma pelo seu trabalho e o outro tipo de pessoa informada é o indivíduo que se relaciona com um estigmatizado através da estrutura social.

Contudo, o tratamento que os estigmatizados estão sujeitos pode contribuir para o seu auto-isolamento, uma vez rejeitados, eles podem cultivar a sua auto-rejeição. Por não se sentirem a vontade na presença física imediata dos “normais”, pela insegurança e indiferença que daí possa advir, os estigmatizados têm cultivado o sentimento de os “normais” não os aceitarem de forma plena, o que faz com que eles procurem apoio de pessoas que os entendam, como é o caso das pessoas que partilham o mesmo estigma ou o conjunto de pessoas informadas, como acima nos referimos. São nestes grupos, onde os estigmatizados recebem todo apoio possível, conforto e sentimento de pertença.

A partir deste quadro teórico, é possível analisar como as “crianças vivendo na rua” com estigma que lhes são atribuídos entram em contacto com os outros e como elas se sentem percebidas. De acordo com Goffman e com as identidades que a sociedade cria para apreender os indivíduos ao seu redor, “o que se encontra em questão não são todos os atributos indesejáveis que com eles se pode apreender um dado indivíduo mas sim, os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo” (Goffman, 1988:6). Com este dado, nos tornará possível analisar que as crianças de rua são rejeitadas, discriminadas, reduzidas a zero em virtude delas apresentarem uma identidade que seja incongruente ao estereótipo que a sociedade criou a volta de uma dada criança.

O estigma leva com que certas pessoas sejam desacreditadas e desrespeitadas, em virtude de se associar a elas atributos ou estereótipos que os desqualificam e que levam ao seu descrédito, influenciando por conseguinte no tipo de pessoas que podem se aproximar a estas assim como os tipos de pessoas que os estigmatizados podem se aproximar. Neste quadro de orientação, esta abordagem dá-nos ferramentas para analisar a que grupo de pessoas as crianças de rua podem

esperar algum tipo de apoio, assim como, que pessoas mais se aliam a elas, tendo em conta que a sociedade de forma geral procura evitar contactos com as crianças de rua de forma a não serem confundidas como sendo membros deste grupo.

Ainda neste quadro de orientação, o estigma leva a que a interacção social entre os estigmatizados com os normais seja de muita incerteza, medo, desconfiança, assim sendo, importa-nos analisar como se processa o contacto ou interacção social entre as crianças vivendo na rua no mesmo espaço físico com os “normais”. Além disso, analisar a resposta do estigmatizado a situação em que ele se encontra, visto que o estigma pode muitas das vezes levar com que os estigmatizados entrem numa interacção social por agressividade ou com calma. É nesta lógica que será útil analisar a atitude destas crianças face a sua rejeição em função da maneira como elas se sentem percebidas pela sociedade.

Importa ainda, em função do estigma a que estão sujeitas, compreender quais os espaços de sociabilidade a que elas frequentam, partindo do pressuposto que o acto de rejeitar, discriminar uma pessoa faz com que esta seja evitada em certos ciclos de convivência. Assim sendo, a luz desta abordagem, possibilitar-nos-á compreender porque é que as crianças de rua se encontram em certos espaços e a certas horas, que factores associados ao estigma fazem com que elas frequentem um e não outro espaço assim como as suas devidas horas.

Contudo, o estigma leva com que muitos dos possíveis contactos entre os estigmatizados com normais seja de angústia, incerteza, medo, desconforto, e este facto faz com que os estigmatizados não só se aliam aos grupos dos iguais assim como dos informados, mas que evitem também encontrar certas pessoas que os fazem passar por esta situação. Posto isto, com ajuda deste quadro teórico será possível compreender se existem indivíduos dos quais as crianças de rua evitam ter um contacto assim como as estratégias por elas adoptadas para evitar o tal contacto.

Capítulo 5

5.1. Abordagem conceptual

Nesta etapa apresentamos os principais conceitos que usamos para apreender o fenómeno de crianças de rua, visto a luz da variável sociológica, estigma. É difícil para qualquer pesquisador, principalmente na área de ciências sociais, fazer uma pesquisa sem deixar claro os conceitos que irá usar. Bourdieu (1983) diz que a sociologia é uma ciência conceptual, isto é, alia-se a um conjunto de conceitos por ela criada, que com os quais apreende uma realidade, um facto social. É neste âmbito que nos interessa, pois ela recorre-se a linguagem artificial para explicar um facto, e deste modo levantamos os seguintes conceitos: estigma, crianças de rua, interacção social e sociabilidade.

5.1.1. Estigma

O termo estigma é bastante antigo e foi mudando ao longo dos tempos o seu significado. Entre os antigos gregos, este termo designava “sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou de mau acerca do estado moral de quem os apresentava” (Goffman, 1988:11); tratava-se de marcas corporais, feitas com cortes ou fogo, que identificavam de imediato um escravo ou criminoso. O conceito actual é mais amplo, considera-se estigmatizante qualquer característica, não necessariamente física ou visível, que não se coaduna com o quadro de expectativas sociais acerca dum determinado indivíduo. Neste caso, todas as sociedades definem categorias acerca dos atributos considerados normais e comuns do ser humano – o que Goffman designa por identidade social virtual.

Ora, o estigma é uma marca, um rótulo que se atribui a pessoas com certas marcas que se incluem em determinadas classes ou categorias diversas, porém, comuns na perspectiva de desqualificação social. Os rótulos dos estigmas decorrem de preconceitos, ou seja, de ideias pré-concebidas, cristalizadas, consolidadas no pensamento, crenças, expectativas sócio-individuais. O uso de rótulos negativos “marca” e desqualifica uma pessoa. Esta marca é o que chamamos de estigma. As pessoas estigmatizadas passam a ser reconhecidas pelos aspectos “negativos” associados a esta marca ou rótulo.

O indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social real inclui um qualquer atributo que frustra as expectativas da normalidade. Deste modo, as crianças vivendo na rua são grupos que

frustram as expectativas da normalidade e, por este facto elas acabam sendo percebidas e tratadas de forma diferente se estivessem em outros contextos ou instituições socialmente construídos como digno de sua frequência. Pois, o tratamento que elas são dadas pelo facto de serem estigmatizadas foi um dos indicadores que nos ajudou no esclarecimento do nosso problema.

Contudo, este conceito é importante para este problema, na medida em que nos possibilita compreender porque é que as crianças de rua são atribuídas certos estereótipos que os deixam numa situação de angústia e exclusão social. Ainda nesta lógica, este conceito permite-nos identificar os atributos ou estereótipos que com os quais as crianças de rua são chamadas ou concebidas.

5.1.2 Crianças vivendo na rua

“Ser criança pressupõe o desempenho de papéis sociais institucionalmente prescritos ou o desempenho do que a sociologia de infância denomina de duplo ofício: ser filho e/ou ser aluno” (Marchi, 2007: 560). É fora deste quadro que encontramos as “crianças vivendo na rua”, e este facto acaba determinando a maneira como elas são tratadas e vistas pela sociedade.

Na rua encontramos vários grupos de crianças que a literatura apelida de “crianças em situação de rua” abarcando deste modo, “crianças de rua” e “crianças na rua”. Assim sendo, o termo “Crianças na rua”, segundo Fernandes (2008) é usada para designar o grupo que recorre à rua como meio de subsistência, embora passem aí a maior parte do seu tempo, acabam por regressar a casa nem que seja apenas para dormir pois, este grupo ainda mantém laços com os seus familiares. E o termo “Crianças de rua”, ainda de acordo com Fernandes, refere-se ao grupo que vive de facto na rua. Este grupo faz do seu habitat, da sua casa, do seu lar, do seu espaço de lazer e de trabalho, a rua.

Portanto, não trataremos este grupo como “crianças de rua” mas sim como “crianças vivendo na rua”. O termo crianças de rua remete-nos a imaginação de que elas são e sempre foram da rua, mas a literatura demonstra que por vários motivos, as crianças que hoje são apelidadas de crianças de rua acabaram por se encontrarem ou fazendo deste espaço o seu local de residência. Assim sendo, o conceito de crianças vivendo na rua, possibilita-nos uma separação com outras crianças que também frequentam as ruas. Contudo, não nos importa as crianças que passam uma

parte do seu dia nesse espaço, mas sim, as crianças que residem de facto nas ruas, que são para nós as crianças vivendo na rua.

5.1.3 Interação social

É com Park e Burgess onde se aplica o conceito de interação social às relações sociais, tornando-os primeiros autores a fazerem esta aplicação (apud Maia, 2000).

Para Simmel (1965), a interação é um processo social básico, ou seja, a sociedade é constituída pelas diversas maneiras de interação. O processo de interação está no centro da noção de sociedade (Berger, 1998) e esta perspectiva é também partilhada por Rocher (1989) demonstrando que o tecido fundamental e elementar da sociedade é composto pela multiplicidade das interações dos sujeitos humanos, multiplicidade que lhe confere simultaneamente existência e vida. Segundo Simmel (1965), não existe sociedade em si, mas só a extraordinária pluralidade e variedade das formas da interação, onde vários indivíduos entram em interação.

Entende-se por “interação social o processo através do qual as pessoas se relacionam umas com as outras, num determinado contexto social” (Maia, 2000:211). A interação apoia-se no princípio da reciprocidade da acção e é reconhecida como condição necessária para manutenção das relações sociais e organização espaço-temporal. Isto significa que os actos dos indivíduos não são independentes, mas condicionados pela percepção do comportamento do outro.

Este conceito não se reduz apenas a um processo de comunicação interpessoal, a interação é também um fenómeno social, situado num determinado contexto espaço-temporal de natureza cultural e marcado por códigos e rituais sociais. Assim sendo, para Turner:

“a interação é possível porque os indivíduos presumem que têm em comum um determinado conjunto de conhecimentos que usam para se orientarem a si próprios, no tempo e no espaço, determinando o significado dos gestos, categorizando os objectos e as pessoas e desse modo, definindo a forma mais apropriada para eles emitirem sinais. É ainda, uma maneira de testar continuamente a concepção que cada um tem do papel do outro” (apud Maia, 2000:211).

Contudo, princípio básico de toda interação social é o retorno, isto é, a reciprocidade, e é com base nesta que se mantém uma determinada relação social. Assim, com base neste conceito, é

possível compreender que grupo de pessoas estão dispostas a manter uma relação social com crianças vivendo na rua com bases iguais, que grupos de pessoas em que as crianças de rua entram em interacção social sem nenhum desconforto ou angústia assim como analisar como se processa as interacções sociais destas com os demais membros da sociedade. Contudo, importa-nos analisar o grau de reciprocidade verificável quando há alguma forma de interacção social entre as crianças de rua com os demais membros da sociedade.

5.1.4 Sociabilidade

O termo sociabilidade, de acordo com Baechler, refere-se “as relações desenvolvidas por indivíduos ou por grupos quando estas não se traduzem na formação de um grupo de actividades” (apud Maia, 2000: 349). De acordo com D’Incao (1994), sociabilidade representa um meio pelo qual as pessoas (independente de classe social) se relacionam entre si de modo a gerar maior interacção entre elas e consequentemente contribuir com as outras para uma vida harmónica. O que forma o carácter humano nos indivíduos da espécie humana é a convivência em grupo. E é a sociabilidade que capacita o ser humano para a convivência em sociedade, desenvolvendo-se pelo meio da socialização.

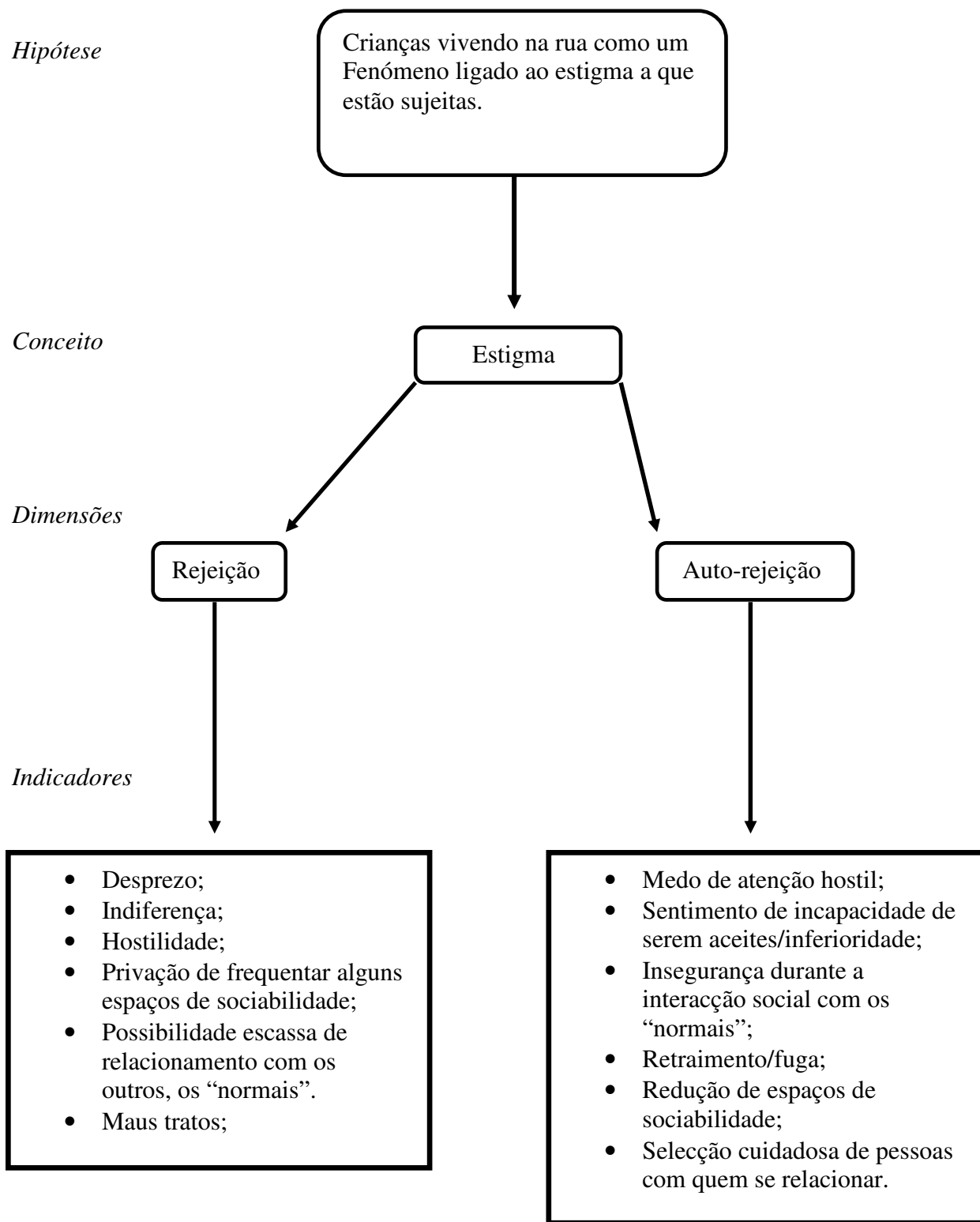
Para Barata as formas específicas de estar com e para os outros, são caracterizadas pelo sentimento que os que nela participam têm de estar associados e o prazer que daí retiram. Ora, “o estar junto só pelo prazer da ligação social sem qualquer outro objectivo, é que exprime a forma mais simples e pura de sociabilidade” (apud Maia, 2000: 349).

Deste modo, com base neste conceito, nos foi possível perceber com quem as “crianças vivendo na rua” se relacionam com mais frequência, isto é, grupos a que se aliam, assim como os lugares por elas frequentados.

5.2 Modelo de análise

Para operacionalizar o nosso tema, construímos um modelo de análise, que “constitui um conjunto estruturado e coerente, composto por hipóteses e conceitos articulados entre si, de forma operacional, com marcos e pistas que são retirados da problemática para orientar o trabalho de observação e de análise” (Quivy e Campenhoudt, 1992:115). Da forma como compreendemos a

operacionalização dos conceitos e hipótese do trabalho, o modelo de análise pode ser projectado da seguinte maneira:



Capítulo 6

6.1. Metodologia

Segundo Gil (1999), a investigação científica depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que seus objectivos sejam atingidos. É neste quadro de pensamento que é reservado este capítulo, à apresentação da abordagem metodológica que nos tornou possível apreender o objecto em causa. Com base em nossos objectivos, analisamos a nossa problemática a luz da pesquisa qualitativa que segundo Minayo (1987), aprofunda o mundo dos significados das acções e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

6.1.1. Pesquisa bibliográfica

O primeiro passo a que nos ativemos foi a de pesquisa bibliográfica que foi realizada nas diferentes bibliotecas da cidade de Maputo, aliado a este passo, foi feita uma entrevista exploratória com alguns especialistas da área, particularmente a coordenadora da Rede da Criança, de forma a explorarmos algumas questões chaves, como por exemplo sobre a eficácia do trabalho de reintegração social de crianças de rua no contexto de seus familiares.

6.1.2. Método de abordagem

A realização desta monografia foi baseada no método hipotético-dedutivo pois, este método considera que a partir da constatação de um facto/problema constrói-se uma hipótese pelo processo de inferência dedutiva (a partir de uma teoria pode-se prever a ocorrência de um dado fenómeno) e com base nesta inferência, testa-se a ocorrência do fenómeno levantado pela hipótese (Martins, 2007). Esta análise se enquadra na perspectiva popperiana, isto é, a partir de hipóteses amplas o real pode confirmar ou rejeitar, é o que Popper (1978) chamou de critério de falsificabilidade, permitindo validar ou não uma dada hipótese.

Este método permitiu-nos com base em nossas constatações após a revisão literária, de que o estigma não era considerada como relevante para explicar as causas do fenómeno “crianças vivendo na rua”, levantarmos a hipótese de que o estigma influencia na permanência de crianças que vivem nas ruas, particularmente as ruas da cidade de Maputo. Por conseguinte, esta abordagem dá-nos possibilidade de testarmos a hipótese levantada.

6.1.3. Métodos de procedimento

Pela natureza da nossa unidade de análise, privilegiamos o método etnográfico pois, este possibilitou-nos a apreensão do nosso problema, isto é, a forma como o estigma se manifesta e reestrutura a vida das crianças vivendo na rua. De acordo com Martins (2007), este método enfatiza a observação directa de forma a descrever o mais fielmente possível a vida de um dado grupo e tem uma abordagem essencialmente qualitativa de modo a registar as manifestações da realidade, tanto explícitas como as implícitas.

Este método foi importante para nós na medida em que nos permitiu fazer uma descrição exaustiva de como as crianças de rua vivem, os espaços que frequentam, as horas, com que grupos elas circulam, como se relacionam uns com os outros, tanto com outras crianças que são de rua, assim como os demais membros da sociedade a seu redor; o que elas comem, como dormem, a que horas dormem e acordam. Além disto, é possível captar a atitude que as crianças de rua adoptam quando são rejeitadas de vários espaços de sociabilidade.

6.1.4. As técnicas

Para a realização deste trabalho usamos as técnicas de observação e de entrevista semi-estruturada.

A técnica de observação é um elemento fundamental de investigação científica (Lakatos e Marconi, 1994). Esta técnica utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, no intuito de ver, ouvir e examinar factos ou fenómenos que se deseja estudar (Idem, p.107). Com base nesta técnica foi-nos possível, observar de forma clara e objectiva como se processa o contacto entre as crianças vivendo na rua no mesmo espaço físico com os demais membros da sociedade. Não só vimos e ouvimos, mas acima de tudo examinamos e apuramos os momentos de contactos entre os estigmatizados com os outros membros da sociedade. Com esta técnica, captamos aspectos não apreensíveis pela via de outras técnicas.

A técnica de observação por si só não é eficaz, necessita de outros instrumentos de forma a registar os dados observados. Foi assim que nos servimos de um caderno de campo, onde durante o momento de observação transcrevíamos tudo para o caderno. Não foi fácil o processo de observação, na medida em que tivemos que adoptar estratégias para tal, como por exemplo

entrarmos no bar Águia D'ouro ao lado do Ponto final, no cruzamento entre as avenidas Guerra Popular com Eduardo Mondlane e comprar alguma coisa de modo a fazer o uso das cadeiras deste bar. Foi assim que observávamos a forma como se processava o contacto de crianças de rua com “os normais” e além deste bar servimo-nos também do KFC, uma das várias lanchonetes existentes a volta do “Ponto Final”.

Ademais, fizemos o uso das divisórias metálicas, em formas de chapas a volta do cruzamento que faz o “Ponto Final”, encostávamo-nos nestas chapas, observando tudo e a todos, como se fôssemos simples passageiros ou como se estivéssemos a espera de alguém. Aliado a esta técnica, disfarçávamo-nos de que queríamos comprar alguma coisa, com os vendedores ambulantes que vendem neste local.

Além destas técnicas foi administrada as entrevistas semi-estruturadas. Esta técnica na lógica de Lakatos e Marconi (1994) representa um método de recolha de informação que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos com várias pessoas seleccionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspectiva dos objectivos da recolha de informação sobre factos ou representações. Este método, consiste em conversas efectuadas *face a face*, de maneira metódica, proporcionando ao entrevistador verbalmente a informação necessária (Martins, 2007: 60).

Com este método, aproximámo-nos das crianças de rua, possibilitando um contacto mais directo. Deste modo, pudemos captar, ouvindo delas o sentimento que têm quando são rejeitadas de frequentar certos espaços de sociabilidade, a dificuldade que encontram no contexto familiar, indagando ainda porque elas vivem ou andam sempre em grupo, assim como os motivos de frequência a certos espaços e a certas horas.

6.1.5. Amostragem

De acordo com Gil (1999), as pesquisas sociais de um modo geral abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. “É por essa razão que nestas pesquisas se usam amostras, ou seja, uma pequena parte dos elementos que compõem o universo” (Idem, 1999:99). É neste âmbito que propomos este capítulo apresentar a amostra que

usamos para fazer este trabalho assim como o método com que nos baseamos para determinar a nossa amostra.

Existem no processo de amostragem dois métodos a considerar, os probabilísticos e não-probabilísticos. Ora, o primeiro exige que cada elemento da população tenha uma determinada probabilidade de ser seleccionada enquanto a segunda, são amostragens em que há uma escolha deliberada dos elementos da amostra, alegam Gil (1999) e Martins (2007). Neste âmbito, de acordo com os nossos objectivos, tiramos a nossa amostra em dois espaços, um na rua e outro no centro aberto⁵ com base no método não probabilístico, particularmente pelo método de amostragem por acessibilidade. No primeiro espaço fizemos a observação das crianças vivendo na rua em interacção com os demais membros da sociedade de forma a captar a forma como se processa o contacto entre estes dois grupos e no segundo espaço, foi reservado a entrevistas com as crianças de rua.

Ora, a amostragem por acessibilidade que é considerada também como sendo de conveniência, constitui o método qualitativo menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Assim sendo, “o pesquisador selecciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam de alguma forma representar o universo” (Gil, 1999:101). Foi com base nesta amostragem que tomamos como espaço de observação, em função dos locais onde estas crianças têm frequentado, o “Ponto Final”. Além deste espaço ser um dos mais movimentados onde podemos encontrar as crianças de rua, foi também o local mais acessível para nós, associado ao nosso conhecimento prévio.

Para o caso das crianças de rua a observar em interacção com os demais membros da sociedade naquele espaço, consideramos 15 crianças com base numa amostragem acidental. De acordo com Martins (2007), trata-se de uma amostragem que é formada por elementos que vão aparecendo, que são passíveis de obter, até completar o número de elementos da amostra. Foi deste

⁵ A estratégia de se escolher um centro como local de entrevistas se explica pela natureza no nosso objecto de estudo, na medida em que seria-nos difícil conquistar a confiança deste grupo em plena rua, não que isto seja impossível. Além disto, o centro aberto dá-nos a possibilidade de observar o momento em que estas crianças se encontram na presença física dos demais membros da sociedade, isto é, quando deixam estes centros em direcção a sua vida habitual, nas ruas.

modo, que acidentalmente observamos as crianças de rua no “Ponto Final” até completar a nossa amostra de 15 crianças a observar.

Por fim, trabalhamos com dois espaços, um de observação e outro, local onde fizemos as entrevistas, trabalhamos no entanto com um dos centros abertos⁶ de acolhimento a crianças em situação difícil a operarem na cidade de Maputo. Por acessibilidade, entrevistamos as crianças que frequentam o centro aberto do projecto Massana da Igreja Assembleia de Deus, cita na Pandora, no cruzamento entre as avenidas Eduardo Mondlane com a Vlademir Lénine. Ora, este método de acessibilidade não só justifica a escolha deste espaço, mas também o número de crianças que compõe a nossa amostra neste espaço, sendo no entanto de 15 crianças que foram aparecendo neste centro.

Outrossim, neste centro entram e saem em todos os momentos as crianças de rua, o que nos dificultou na escolha de uma outra metodologia para a composição da amostra. Assim sendo, a amostragem por acessibilidade se tornou para nós a mais viável possível, na medida em que fomos entrevistando as crianças de rua que se encontravam no centro e que iam aparecendo. São crianças que tivemos acesso e que se mostravam disponíveis, porque nem todas aceitavam connosco conversar.

Contudo, como se trata de um estudo onde seria mais viável entrevistar apenas crianças que já tiveram um contacto com os seus familiares, aliamos a amostragem por acessibilidade, a de bola de neve⁷, fomos perguntando as crianças já entrevistadas de forma a nos indicar segundo seus conhecimentos quem eram outras crianças que iam entrando no centro, as que já tinham regressado a casa ou que já tivessem um contacto com os seus familiares, e assim elas nos indicavam, mas como não foi suficiente compor 15 destas crianças que frequentam este centro tivemos que acrescentar mais três crianças que não tiveram nenhum contacto com seus familiares. Os educadores do centro ajudaram-nos a certificar que as crianças que as outras nos indicavam eram realmente as que já tinham regressado às suas casas.

⁶ Os centros abertos, representam espaços onde as crianças passam algumas horas dos seus dias, são centros que foram surgindo com vista a reduzir ou colmatar a situação difícil que muitas das crianças na cidade de Maputo estão sujeitas.

⁷ De acordo com Goode e Hatt (1972) esta técnica conhecida também de *snowball*, envolve pedir às pessoas que participam de uma pesquisa para nomear outras pessoas que estariam dispostas a participar assim como sendo frequentemente usada quando a população for de difícil identificação pelos pesquisadores.

6.2. Constrangimentos durante a pesquisa

Ao longo do trabalho de campo, algumas dificuldades foram encontradas. As entrevistas individuais com as crianças de rua foram muito difíceis de serem realizadas, visto que enquanto fazíamos as nossas entrevista-conversas com as crianças de rua, sempre apareciam uma outra para interromper ou fazer barulho. No primeiro dia em que nos apresentamos, as crianças de rua não foram muito receptivas, apenas no segundo dia passaram a mostrar maior abertura. No entanto, começamos a entrevistar uma criança que já tínhamos deparado com ela na rua e que com algum contacto pois, este primeiro contacto facilitou a aderência de outras crianças na entrevista e por coincidência, ela representava uma destas crianças que já tinha regressado para o contexto familiar. Nem todas crianças se mostraram disponíveis para tal, foram desconfiando bastante da nossa presença assim como da nossa intenção.

Outro aspecto a salientar de grande constrangimento foi o controlo de informação por parte delas, dificilmente as crianças de rua se abriram connosco no primeiro contacto e constantemente se contradiziam. Este facto obrigou-nos a desdobrar o esforço na selecção da informação colectada. Muitas das vezes se apresentavam com certos nomes que não eram os habituais, só depois da entrevista terminar é que confessavam os seus verdadeiros nomes⁸, por vezes achamos que estavam a brincar connosco quando respondiam as questões. Ademais, o grande constrangimento que sentimos, é que no processo da entrevista era muito normal a mistura de línguas, começávamos com língua portuguesa, mas muitas das vezes elas respondiam em *changana*⁹ pois, esta foi uma das grandes dificuldades para nós, este facto fez-nos ficar sem perceber alguns pontos que tratávamos, mas com ajuda dos educadores do centro, que de vez enquanto nos aproximava para saber como decorria a entrevista, foi-nos possível ter um esclarecimento de algumas respostas que éramos dados em língua *changana*.

Outro facto relevante a ser mencionado se refere as dificuldades para termos dados actuais ou situação actual sobre as crianças de rua junto das instituições que trabalham em prol delas. Foi-nos um pouco estranho, não obter informações actualizadas junto ao Ministério da Mulher para a

⁸ Embora os nomes verdadeiros ou falsos não nos interessava tanto para a análise dos dados, foi importante a tomada de atenção neste ponto pois, deu-nos subsídios para perceber com que grupos de pessoas estávamos trabalhando, assim como a cautela que tivemos que ter no processo de análise de outras informações por elas nos facultados.

⁹ *Changana* é uma língua dos naturais do sul, particularmente os de Gaza.

Coordenação da Acção Social assim como na Direcção da Mulher e Acção Social na Cidade de Maputo. Outro constrangimento ligado a este é que as suas bibliotecas ou centros de documentação nunca estavam disponíveis para serem usadas.

Contudo, sentimos a maior dificuldade no momento em que observávamos as crianças de rua em contacto com os demais membros da sociedade no momento em que elas se faziam presentes no “Ponto Final”. Como se trata de um espaço com trânsito intenso, não só de pessoas, mas também de carros, ficávamos por vezes sem observar como alguns contactos se processavam, em virtude de, nestes momentos passarem por eles ora carros ora pessoas, que nos tornava difícil assistir a forma estes contactos terminavam.

Como se trata também dum espaço onde indivíduos tomam as ruas ao redor deste local para exporem artigos comerciais, um dia fomos confundidos, pensando que algo queríamos roubar, visto que por vezes ficávamos mesmo encostados nas divisórias metálicas que se encontram ao redor do cruzamento entre as duas avenidas que fazem o “Ponto Final” por muito tempo. Tivemos depois de esclarecer quem éramos e o que fazíamos nestes espaços.

Capítulo 7

7.1. Apresentação e discussão dos resultados

A Sociologia de acordo com Osborne “explica o que parece óbvio a pessoas que pensam que é simples, mas que não compreendem quão complicado é realmente” (apud Maia, 2000:362). É neste quadro de análise que reservamos este capítulo à apresentação e discussão minuciosa dos dados colectados. Os nomes usados durante este capítulo que com eles identificamos as crianças de rua representam nomes fictícios.

7.1.1 Campo de análise

O presente trabalho foi feito com maior incidência no local onde era possível observar as crianças de rua em contacto com os demais membros da sociedade, de forma a analisar como se processa o contacto entre estes dois grupos que são considerados diferentes um do outro. Assim, interessa-nos apresentar neste capítulo a fotografia ou descrever as características do nosso campo de observação, o “Ponto Final”.

A denominação “Ponto Final” provém do nome dum restaurante chamado “Ponto Final”, que ocupava antigamente os espaços onde funciona hoje o KFC. Localiza-se no cruzamento das avenidas Eduardo Mondlane e Guerra Popular. Cruzam-se neste local não só pessoas, mas também transportes semi-colectivos de passageiros que saem da baixa da cidade à Magoanine, Hulene¹⁰, etc; com os que vêm do Museu indo em direcção ao Alto Maé¹¹, assim como o inverso destas rotas. Representa um espaço rodeado por várias infra-estruturas, algumas residências e outras sendo maioritariamente comerciais. Por exemplo, encontramos por volta deste espaço, um banco comercial (Barclays), onde em frente a esta agência, noutra margem da estrada, para quem sai do Alto Maé ao Museu, encontra-se duas lanchonetes, KFC junto a uma outra, Pizza Inn. Junto ao KFC existe mais uma lanchonete seguida de um talho da Av. Acordos de Lusaka em direcção à baixa.

Ainda nesta direcção, em frente ao KFC, encontramos a Sopiscinas/Sotubos, uma loja especializada na venda de tubos e outros materiais de piscina, seguida de “A Feira” uma loja de roupas e sapatos, junto ao canto da Av. Eduardo Mondlane, segue-se a esta, a “Foto final”. Do

¹⁰ Estes representam alguns dos bairros periféricos da cidade de Maputo.

¹¹ Um dos bairros da cidade de Maputo.

outro lado da estrada, encontramos uma ATM do Standard Bank, o Bar Águia D'ouro. Descendo pela Av. Guerra Popular junto a este bar, encontramos a *Metalex*, uma casa onde vendem aparelhos de som, e junto desta encontramos a escola *Monitor International School*. Pelas duas avenidas, prosseguindo encontramos centros comerciais.

Este espaço, além de ser rodeado por centros comerciais, é também local de residência, visto que por cima das mesmas, existem moradias/edifícios de três a quatro andares em média, existindo alguns com seis e sete andares no máximo. Encontramos no “Ponto Final” duas paragens de transportes semi-colectivos de passageiros o que faz também deste local muito movimentado. Na Av. Eduardo Mondlane encontramos uma paragem para quem vai ao Museu, embora do outro lado parem estes transportes nos locais onde não são concebidos como paragens. Para quem sai da Baixa, em continuação com a Av. Guerra popular existe uma outra paragem logo em frente ao KFC.

Encontramos ainda no “Ponto Final” um semáforo, visto que as estradas que se cruzam são extensas, principalmente a Av. Eduardo Mondlane. Continuando nesta Av. após o semáforo e KFC, a estrada é um pouco mais estreita em relação as outras. Estas por sua vez, são avenidas com duas filas no mesmo sentido da faixa de rodagem o que torna o tráfego muito intenso, e dificultando por vezes a travessia de peões para outras margens.

É possível ainda observar na zona do “Ponto Final” as divisórias metálicas ou chapas com *spot* publicitário, ao redor de onde se cruzam as Av's. que limitam os passeios destas. Observa-se o uso dos passeios a volta do “Ponto Final” para a venda de mercadorias, como roupas, discos, cintos, refrescos, bolachas, sumos, pão, malas, toalhas, etc.

Assim é explorado o espaço “Ponto Final”, uns vendendo como ambulantes, outros sentados. No período nocturno aparecem senhoras que vendem espetos, sandes, amendoim, etc, trazendo consigo fogões para prepararem neste local o que trazem para vender. É necessário referenciar que estas senhoras além de aproveitarem as crianças de rua como sendo um dos seus potenciais clientes, vendem também à pessoas que se encontram no bar Águia D'ouro, é junto a este bar em que elas se encontram.

Osborne alega que “um espaço social representa uma espécie de um universo constituído pela população humana” (apud Maia, 2000:18). Ora, sem haver seres humanos ou apenas existindo um, não haveria espaço social. Sendo assim, espaço social é totalmente contrário do espaço geográfico ou físico, cuja existência de seres humanos é indiferente. Contudo, o “Ponto Final” não representa apenas um espaço físico situado no centro da cidade de Maputo, é acima de tudo um espaço social, tendo em conta que encontram-se indivíduos em interação uns com os outros, representando por conseguinte um espaço de sociabilidade para vários grupos sociais, dentre eles, crianças de rua, vendedores ambulantes e demais comerciantes. É também um local onde funciona um mercado informal.

7.1.2 O quotidiano das crianças de rua

O quotidiano das crianças de rua tem começado muito cedo. Elas acordam cedo pelo facto de dormirem em locais onde durante o dia existem bancas e pessoas a venderem, isto é, nos passeios e nas escadas de algumas lojas, espaços onde os demais membros da sociedade usam para outros fins.

As crianças de rua têm a tendência de dormirem em grupos relativamente maiores, chegando a atingir em média 10 a 15 crianças, mas logo pela manhã, assim que o sol se faça sentir, elas se espalham por várias artérias da cidade de Maputo, umas procurando outros espaços onde possam continuar a dormir, outras se dirigindo aos mercados de Estrela Vermelha, Central para poderem realizar os seus trabalhos diários, carregando mercadorias, lavando carros, como estratégias de sua sobrevivência. Existe outro grupo de crianças que se dirigem aos centros abertos de acolhimento, onde ficam nestes locais até as 13 horas, período em que os centros fecham e após isto se juntam a outras crianças.

Um dado curioso é que a separação não é total, visto que sempre se encontram em grupos quer durante o dia quer durante a noite, embora variando o número de acordo com o período. Assim, durante o dia o número é reduzido, rondando em grupos formados por dois, três ou quatro crianças e grupos formados por sete crianças em diante no período noturno. É deste modo que elas se deslocam pelas ruas da cidade de Maputo. Mas, enquanto a maior parte de crianças que dormem no “ponto final” deixam este local assim que o sol nasce procurando outros espaços para dormir, como por exemplo algumas casas degradadas/abandonadas na baixa da cidade,

encontram-se outras crianças que procuram espaços para dormir mesmo a volta do “Ponto Final”, por cima de papelões ou mesmo no chão. Contudo, durante a semana e durante o dia, dificilmente é possível ver um número relativamente maior de crianças de rua no “Ponto final”, apenas durante a noite e nos domingos.

Uma aproximação mais directa com uma das crianças de rua que permanece no “Ponto Final” durante o dia, embora as outras crianças tenham deixado esse local, a procura de outros espaços, um dos nossos entrevistados afirmou que “ (...) há, eu estou aqui e fico porque há pessoas que querem nossa ajuda, então fico aqui com aquele meu amigo, para carregar cenas¹², há pessoas que costumam vir aqui nestas lojas para comprar coisas, então depois vêm ter connosco para ajudarmos (...) fico deitado a espera que alguém venha ter comigo (...) outra cena é que andar só na rua cansa (...)” [Minguito, 15 anos de idade].

Enquanto um grupo de crianças se dirige aos centros abertos de acolhimento no período da manhã, outras se dirigem a alguns pontos estratégicos em que elas têm a noção de poder fazer algo como fonte de sobrevivência. Quando anoitece, as demais crianças que se encontravam espalhadas por várias artérias da cidade, se dirigem ao “ponto final”, crescendo assim o número de elementos no grupo. Aqui, as crianças de rua interditam de forma insistente as pessoas que vão passando por elas, mas esta interdição é criteriosa e cautelosamente feita, com muita precaução de forma a evitar abordar um conhecido.

Há um dado não menos importante a ser mencionado, particularmente para as crianças que se dirigem aos centros de atendimento às crianças em situação difícil. Os centros dão água, sabão para tomar banho e lavar as roupas e muitas destas crianças se dirigem para este centro minimamente limpos, mas após deixarem este local, de seguida mudam de roupa. Este facto acontece todos os dias e é uma estratégia por elas adoptadas para poderem mendigar. Mas nem sempre elas andam deste modo, embora de forma geral andem sujas, dependendo do local onde querem ir, elas mudam de roupa para tal. Vejamos o seguinte depoimento:

“(…) hei, nem sempre ando assim sujo, às vezes ando limpo, por exemplo quando vou à Maputo shopping center, costumo usar uma roupa nice e minhas *nikes*, mas

¹² Neste contexto, o termo cenas refere-se a mercadorias que as pessoas têm comprado a volta do Ponto final.

depois disto visto normalmente assim sujo como tas me vendo (...) é para não gastar e ficar ainda novo (...).”

[John, 13 anos de idade]

Por vezes, durante a noite elas têm preparado suas refeições, mas esta prática é mais visível nos domingos que durante a semana quer durante o dia quer durante a noite. No entanto, as crianças de rua exploram o “Ponto final” de forma mais intensa e mais a vontade apenas nos domingos. Dias como domingo, elas acordam muito tarde, por volta das 9 horas em diante, sentem que não existem necessidades de acordar cedo e durante o dia ficam espalhadas por todo “Ponto final”. Aqui, elas cozinham, brincam e não se separam tanto como os dias de semana, pois, é um dos dias em que é possível ver as crianças de rua em número maioritário e durante o dia no “Ponto Final”.

O quotidiano de crianças de rua é marcado por fuga a certos espaços de sociabilidade, medo de encontrar um conjunto de pessoas, visto que, por exemplo para o caso do “Ponto Final”, muitas das crianças de rua alegam que deixam este local durante o dia porque além de ser muito movimentado em certas horas o que não os dá espaço para puderem continuar a dormir, acresce-se o facto de:

“(…) Existem algumas ruas que não gosto de passar e ficar onde vejo meus pais e meus irmãos por lá, então ando noutra rua onde não posso lhes ver (...). Por exemplo no “Ponto final”, há certas horas que não dá ficar aí (...) quando encontro com eles **começam a gritar comigo** e um dia meu pai tentou me bater, me envergonhou no meio de muitas pessoas e não *gramei*¹³, tás a ver como é esta cena nem (...)? Me deixou *matreco* neste dia. Quando eu vejo alguém que conheço na mesma rua comigo, costumo desviar, ir doutro lado, não *gramo* nada destas cenas”.

[Namala, 17 anos de idade]

O quotidiano das crianças de rua é marcado não só pela violência quando elas encontram com demais membros da sociedade que se dirigem a elas com muita agressividade, identificadas por rótulos que os desqualificam, mas também por estratégias de como elas devem se aproximar

¹³ O termo *gramei*, significa gostar de algo.

aos “normais”, assim como as que adoptam para evitar encontrar com pessoas que os têm rejeitados e violentados. Acresce-se a estes dados o facto de elas em certos momentos serem rejeitadas de frequentar certos espaços de sociabilidade. Por fim, é normal e comum serem perpassadas por demais membros da sociedade com maior indiferença, passando por elas como se nada estivessem a ver, a não ser mulheres e crianças que tomam um pouco mais de cautela quando passam por elas. Estes dados fazem com que elas se sintam mais a vontade quando se encontram a sós, só entre elas.

Como se trata de um grupo de crianças que não é homogéneo, existe no seio deste grupo uma certa divisão social de trabalho¹⁴, os mais velhos têm a tendência de mandar os mais novos e esta prática é mais frequente durante a noite. Acontece que os mais velhos simplesmente indicam os mais novos a se dirigirem a certas pessoas para pedir esmola e após isto, o bem é repartido ou simplesmente fica tudo com o mais velho, pelo facto deste ter indicado a pessoa a quem dirigir. Isto faz com que muitas das vezes durante a noite os mais novos se dirijam a uma posição diferente dos mais velhos, isto é, estando um pouco distantes destes. Elas entram na Av. Eduardo Mondlane como se tratasse de uma rua qualquer, sem medo de carros que passam a altas velocidades. Correm e atravessam a avenida dum lado para o outro e constantemente, e por vezes sobem e ficam pendurados nas portas dos transportes semi-colectivos de passageiros e pedir esmola aos cobradores e aos passageiros.

Embora a relação entre as crianças de rua seja de muita irmandade, umas conseguem algo para comer e outras não, não havendo assim, horas determinadas em que todas elas se reúnem para jantar ou comer, a não ser nos dias em que conjuntamente preparam alguma refeição. Assim, no momento em que brincam, saltam, atravessam as ruas, é o momento em que comem, algo como uma sande, um espeto, bolachas, etc. Quando acaba este movimento e principalmente quando o tráfego de pessoas tenha reduzido particularmente ao redor da sopiscinas, local onde se reúnem

¹⁴ Durkheim (1960) vê na “divisão social de trabalho” não só como um mecanismo para aumentar a produção, mas acima de tudo como um factor de coesão social e de solidariedade orgânica. Para o autor, esta divisão tem a função de integrar o corpo social, assegurando-lhe a unidade assim, cada órgão do grupo passa a desempenhar um papel diferenciado e para Durkheim, a função que o indivíduo passa a desempenhar é o que marca o seu lugar na sociedade, tornando os membros interdependentes um do outro. Este facto é semelhante ao que acontece com o grupo de crianças de rua, existe uma certa divisão de trabalho, onde por vezes os mais velhos em troca do que os mais novos conseguem partilhar com eles, protegem-lhes dos demais membros da sociedade que os têm tratado com um certo distanciamento. Isto não quer dizer que o grupo de crianças de rua seja coeso, é também conflituoso.

para dormir, um por um vai se dirigindo até lá, e o dia se vai, esperando por outro dia chegar e a rotina é similar para todos dias.

Por vezes, os locais onde dormem, encontram-se ocupados por demais pessoas que perpassam por “Ponto final”, e quando assim acontece, é possível notar enquanto umas brincam outras dormem a volta do “Ponto Final” fazendo tempo para que possam se dirigir ao local habitual. Mas é preciso mencionar que nas sextas e sábados, a rotina dos dias anteriores têm variado, na medida em que as crianças de rua tendem a se concentrar em locais exteriores a algumas discotecas da cidade como discoteca central, luso, macaneta onde passam as suas noites guardando carros. Este facto acontece também em datas festivas, quando há eventos na cidade de Maputo, facto que os atrai a juntos destes lugares.

7.1.3 Traços gerais e contextos de origem de crianças de rua

Pretendemos neste capítulo apresentar as características gerais de crianças de rua, tanto sociais, demográficas e económicas, assim como o contexto de origem destas crianças que fazem da rua o seu espaço de residência, isto é, apresentamos o seu BI¹⁵.

Com base nas entrevistas identificámos um grupo de crianças que após saírem de casa pela primeira vez, decidiram regressar a este espaço, mas por vários aspectos que iremos melhor explorar nos capítulos que se seguem voltaram a residir nas ruas. Encontramos ainda outras crianças que não passaram por esta situação de tentar voltar a casa, junto de seus familiares. Assim, da nossa amostra, doze (12) crianças de rua representam o primeiro grupo e outras três (3) compondo assim a nossa amostra de 15 crianças, representando o segundo grupo. De forma geral, todas afirmam estarem a viver nas ruas em média 2 anos.

Em termos de idade, as crianças por nós entrevistadas se situam num intervalo etário de 8 a 18¹⁶ anos de idade e todas elas de sexo masculino. Como podemos ver, as idades destas crianças indicam-nos que estão em idade escolar, mas nenhuma delas frequenta algum estabelecimento de ensino. Afirmaram que o momento em que chegaram a rua deixaram de frequentar a escola e outras não frequentavam antes a escola.

¹⁵ Usamos o termo BI referindo-se a bilhete de identidade, num sentido figurado.

¹⁶ O UNICEF considera de crianças pessoas com idade compreendida entre 0 a 18 anos de idade.

A maior parte das crianças de rua provêm de bairros suburbanos, bairros como Jardim, Polana-Caniço, Mafalala, Luís Cabral, bairro Mabotine, Maguanine, Zimpeto, Laulane e Boane. Estes são bairros considerados *outsider*¹⁷ da cidade de Maputo, sendo bairros pobres, densos, tensos e com casas feitas ou compostas maioritariamente de lata/chapas de zinco, embora a partir de uma pré-observação pode-se constatar uma mudança no tipo de habitação¹⁸. Além das características de onde as crianças de rua provêm, pertencem também a famílias de baixa renda, assim como famílias cujas mães divorciaram de seus pais, vivendo neste caso com suas madrastas. Além disto, provêm por conseguinte de famílias extensas ou famílias em que o agregado é bastante alargado e com seus encarregados desempregados, vivendo de biscates.

De forma geral, as crianças se apresentam sujas, com feridas e manchas, muitas delas sem chinelos, roupas rasgadas e grandes, pele seca/desidratada. São ainda grupos que se encontram expostas a rua, vivem a procura de abrigo, comida e amigos, são explorados e também aprendem a explorar. São crianças que se encontram num grande dilema, num conflito entre si mesmo e com a sociedade, devendo muitas das vezes saber conviver com a acção da polícia, que as vezes se tornam repressora devido a pressão da comunidade.

Contudo, representam ainda crianças drogadas e algumas delas cadastradas, tendo passado pelo menos uma noite nas esquadras. Encontramos ainda neste grupo, crianças de rua que são bastante agressivas e outras tímidas. Umam encaram as pessoas em sua volta com muita frontalidade e sem medo algum, enquanto outras, com muito medo. Contudo, os estigmatizados podem tentar aproximar-se de contactos mistos com agressividade ou com muita calma (GOFFMAN, 1988: 18).

7.1.4 Causas da permanência do fenómeno crianças vivendo na rua

Apresentamos neste capítulo alguns subtítulos que nos ajudarão a testar a nossa hipótese, de que o estigma não só está presente em crianças de rua mas acima de tudo, é uma variável que influencia para existência ou continuidade deste fenómeno, isto é, influencia na permanência de crianças de rua. Ademais, analisamos de forma sucinta de que a maneira como as pessoas entram

¹⁷ Bairros suburbanos da cidade de Maputo.

¹⁸ Uma pré-observação permite-nos afirmar que nestes bairros tem casas ou construções com material convencional não apenas de zinco ou lata.

em interação com as crianças de rua, é um aspecto fundamental para que elas vivam nas ruas, ou por outra, que existe uma relação entre o estigma e o fenómeno crianças de rua.

7.1.4.1 Interação social com os familiares

“Todo mundo quer ir com você na limusina mas, o importante é ter alguém disposto a lhe acompanhar no ônibus quando a limusina quebrar.”

Oprah Winfrey¹⁹

Doze (12) crianças da nossa amostra, já tiveram algum contacto com os seus familiares e por vários motivos elas acabaram deixando aquele espaço junto dos seus familiares. Este dado remete-nos a afirmar que estas crianças por vários motivos abandonaram as suas casas, após se encontrarem nas ruas e pela vida que levavam e se depararam, obrigou-as a regressar ao contexto familiar, na tentativa de encontrar melhores condições que as encontradas na rua. Portanto, houve aqui um vaivém, saíram, voltaram e de novo saíram.

A tentativa de elas voltarem para casa demonstra que a rua não representa um espaço onde haja melhores condições que os fazem realmente residirem nestes espaços. Se isto fosse um facto, não presenciariámos a tentativa por parte delas em regressar para casa, e quando assim se faz, no local onde elas pensavam que poderiam ter algum apoio, uma recepção mais calorosa possível, não assim se procede, são frustradas as suas expectativas. Há alguns casos que têm o mesmo fim, este esforço de voltar a casa quer por iniciativa própria quer por esforço de algumas instituições que trabalham em prol deste grupo, dificilmente tem sido eficaz o processo de estadia ou integração social em suas casas.

Constatamos que existe uma dificuldade de serem aceites pelos seus familiares as crianças que já estiveram fora do controle delas. Este facto não só é visível dentro da família, mas também fora, visto que muitos de seus antigos amigos na comunidade simplesmente não os têm aceites de ânimo leve. São olhadas com desconfiança e com medo, isto faz com que as crianças de rua não se sintam a vontade neste ambiente. Portanto, o seguinte trecho,

¹⁹ <http://frasesdereflexão.com.br> acedido em Outubro de 2009.

“(…) um dia pensei em ir para casa porque já não aguentava ficar na rua, fui então a minha casa, onde vive meu pai e quando lá cheguei a **minha madrastra me correu e nem quis saber de mim**. Outro dia fui a casa da minha mãe em Magoanine e ainda tenho ido para lá de vez em quando. Quando lá chego ela **rapidamente me dá comida e diz para eu ir embora**, pedi um dia para passar férias lá e ela negou, diz (...) vai onde você estava. Um dia perguntei para minha mãe porque não me queria, **ela diz que eu tenho mau comportamento, porque vivo na rua (...)**”.

[Pedro, 12 anos de idade]

(…) leva-nos a crer que a rua representa um espaço problemático e conflituoso, o que faz com que elas pensem em regressar a casa mas, uma vez em casa a interacção social entre elas e seus familiares é marcada por alguma dificuldade e indiferença, que torna difícil continuar naquele espaço. Ademais, de acordo com Osborne (1999), “interacção social é a acção social, mutuamente orientada, de dois ou mais indivíduos em contacto. Distingue-se da mera inter-estimulação em virtude de envolver significados e expectativas em relação a acções de outras pessoas...” (apud Maia, 2000:211). Logo, um dos aspectos ligados a interacção social é a presença de reciprocidade das acções sociais, facto que as crianças de rua não encontram quando do seu regresso para casa.

Este facto é confirmado por um dos nossos entrevistados, alegando que “(…) quando voltei para casa, meu pai nem me ligava, me deixava só, ele estava sempre com meu irmão, fazendo tpc²⁰ dele e nem queria saber de mim, nem me perguntava onde eu andava esse tempo todo e como era a minha vida, até as vezes eu ficava com inveja de meu irmão (...)” [Gildo, 10 anos de idade]. Casos similares se repetem, ora vejamos:

“Eu quero voltar para casa mas não consigo, está difícil voltar para casa, quando chego lá, **as pessoas da minha casa começam a falar muito mal comigo**, costumam levantar um tipo de conversa que eu não gosto, já não me respeitam e tudo o que acontece de estranho lá em casa costumam dizer que sou eu que fiz, até mesmo quando o bebé lá de casa começa chorar, começam a gritar para mim, dizendo que sou eu que bati a criança. **Começam dizer porque voltei** e que eles estavam bem sem mim. Depois costumo sair para brincar com aqueles meus

²⁰ Tpc significa trabalho de casa proeminente das escolas primárias, secundárias.

amigos lá de casa, lá na zona, só que quando vou para lá em casa deles, **os seus irmãos costumam as vezes me girar de lá**, também eles meus amigos costumam me chamar de menino de rua e eu não gosto, e vi que já não gostam de brincar comigo e já não são meus amigos aqueles. Então eu volto para casa só que quando chego lá, acontece as mesmas coisas e assim preferi voltar ficar aqui de novo com estes meus amigos”.

[Abrantes, 15 anos de idade]

Podemos perceber com este trecho a dificuldade que as crianças de rua encontram quando entram em interacção social quer seja com seus familiares quer seja com outras pessoas ao redor do contexto familiar. Assim, as crianças de rua são tratadas nestes contextos com desconfiança, com medo, com desprezo e caindo sobre elas culpas que parecem não terem cometidas, em virtude das pessoas terem receio e evitarem entrar em contacto com grupos ou pessoas que a sociedade tem os marginalizados. Portanto, o distanciamento e a rejeição²¹ a que as crianças de rua são vítimas, se explica pelo facto de “em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são” (Goffman, 1988:43).

Esta marginalização, de acordo com Goffman (1988) explica-se também pelo facto da sociedade construir atributos e estereótipos de forma a apreender grupos de pessoas que tenham alguma característica que fuja da normalidade, e esta característica leva a que pessoas que estejam dentro de quadros normativos de conduta reduzam os seus contactos ou interacção social para com elas. Outrossim, estes estereótipos tendem a reduzir e inferiorizar as pessoas estigmatizadas como estragadas e que poderiam contaminar os outros. Nesta lógica, “não só as pessoas íntimas daquele indivíduo como os estranhos serão afastadas por seu estigma” (Idem, 1988:48).

Este aspecto faz-nos recorrer a uma reflexão não menos importante, onde:

“Os normais não aceitam e não estão dispostos a manterem com os estigmatizados um contacto de bases iguais (...) e uma previsão de contactos, poderá levar os normais (...) a esquematizar a vida de forma a evitá-las”.

²¹ A palavra rejeição nos remete ao acto ou efeito de rejeitar, como sinónimo de não aceitar, de recusar, de repelir, de ostracizar, de hostilizar, de desconsiderar, de tratar algo como não importante.

(Idem, 1988: 10).

O receio de se envolver, conversar, aproximar e brincar com estas crianças, torna-se um facto evidente nos “normais”, particularmente nos seus familiares assim como nos seus amigos. Ademais “não há desqualificado em si: há desqualificado construído” (Serra, 1998:19). Esta ideia é reforçada por Pinto (2002), onde afirma que a maneira como são percebidas as crianças de rua é resultado da percepção do que é uma criança normal, devendo viver em ambiente familiar, com protecção e com frequência a escola. Portanto, é o distanciamento destes locais que fazem com que as crianças de rua sejam concebidas e tratadas da forma como são.

Reforçando esta ideia, há que referenciar que o estigma que está presente nas crianças de rua, é em função da criança no geral se encontrar dentro duma categoria do tipo geracional, que é a infância. Assim sendo, de acordo com Sarmiento (1997), a infância é uma construção social, um produto histórico, um conjunto de ideias, regras e representações que definem o que as crianças são ou deveriam ser dentro de uma determinada colectividade. Nesta ordem de ideias, a infância vem representar normas que a sociedade institui para nortear a acção delas. Assim, é a frustração destas expectativas que faz com que as crianças de rua sejam concebidas por um lado como sendo de rua²² e por outro justificando a forma como são tratadas, estigmatizadas.

“ (...) Eu nem sei porque me tratam daquele jeito, porque já não me querem lá, eu vivo aqui já há muito tempo, mas tenho um irmão que anda aqui na rua como eu, mas lhe tratam diferente de mim, brincam, conversam bem com ele, mas eu, nem querem saber (...) esse meu irmão vai para casa todos os dias (...)” [Abrantes, 15 anos de idade]. Há um ponto neste trecho que merece um pouco de reflexão. O irmão do Abrantes é uma criança na rua e não de rua como ele. Assim, o tratamento que se dá a estes dois grupos é totalmente diferenciado, visto que os familiares reagem de diferentes maneiras para com estes.

As crianças de rua são mais propensas a serem estigmatizadas do que as crianças na rua. O facto é que aplica-se o estigma a grupos que estejam fora do controle social, fora do controlo da sociedade, fora da estrutura social, isto é, a existência dum distanciamento ao controlo da

²² As crianças de rua são também vistas como pessoas que carecem de um distanciamento por parte da sociedade, por elas serem associadas aos maus comportamentos, pessoas perigosas, fracas e etc.

sociedade, alega Goffman (1988). Referimo-nos ao controlo social como sendo o “conjunto de sanções quer positivas quer negativas destinadas a assegurar a conformidade das condutas, as normas de orientação da acção para salvaguardar, entre os membros de uma colectividade, o denominador comum necessário à coesão e ao funcionamento dessa colectividade. Inversamente, têm por função desencorajar todas as diferentes formas de não-conformismo face às normas estabelecidas na colectividade” (Rocher, 1989:51).

Estar fora do controlo social dá-se no momento em que as diferentes instituições da sociedade não detêm algum poder de controlo sobre os demais actores sociais, sem algum poder de intervenção directa, sem meios de os obrigar que cumpram seus devidos papéis sociais como se é esperado. No entanto, as crianças de rua são estigmatizadas pelo facto de se encontrarem fora deste controle social, particularmente dos seus familiares, muito distante destes, havendo um distanciamento do controlo destes sobre aquelas, reflectindo-se depois na dificuldade de uma aceitação plena, quer a nível familiar quer a nível da vizinhança. Este facto é diferente para o caso de “crianças na rua”, onde o distanciamento é muito menor, detendo os seus familiares alguma forma de controlo sobre elas, encontrando-se ainda sob o domínio dos seus familiares. Deste modo, quanto maior for o distanciamento e a possível perda de controlo social sobre as crianças de rua, maiores são as possibilidades destas serem estigmatizadas aquando do seu regresso.

7.1.4.2 Motivações para a ida à rua

São inúmeros os motivos pelos quais as crianças fazem da rua o seu local de residência. Mas a interacção defeituosa que se estabelece entre as crianças de rua com seus familiares e com o ambiente da vizinhança, é um facto a tomar em consideração.

“(…) ha, eu não hei-de ficar num sítio **onde não me querem, onde me tratam mal** e nem amigos para brincar lá existem (...)” [Kid, 11 anos de idade].

Podemos depreender com este depoimento, que existem factores ligados a estigmatização a crianças de rua em contacto com os seus familiares que os fazem não continuarem a ficar ao lado destes. Assim, embora a rua seja um local onde elas tenham vivenciadas situações que os fizeram voltar a casa, torna-se um espaço a regressar. Em casa, junto dos seus familiares, em todos os locais onde estejam estas crianças, são vistas com desprezo, desconfiança, sem muito espaço para

poderem evitar o estigma a que são vítimas. Vejamos que “(...) em casa **não existe local onde eu possa me esconder**, quando saio de casa indo brincar na zona, as pessoas de lá, **costumam gritar comigo**, dizendo as vezes (...) não joguem bola com este menino (...) **é malandro este** (...) então todo o sítio onde ando lá em casa é assim, falam, gritam, me batem (...) não tenho onde me esconder (...)” [Luizinho, 15 anos de idade].

Para fazer face as situações de angústia, desprezo, isolamento em sua casa, elas recorrem a rua, não que este espaço seja mais tranquilo para que elas possam viver, o facto é que a rua pela sua composição, isto é, várias ruas, com casas abandonadas, principalmente na baixa da cidade, fornece uma multiplicidade de meios que eles possam usar para evitar ou fugir das discriminações e rótulos que os desqualificam, facto que não encontram em suas casas, um espaço para fuga, que permita uma redução das situações de discriminação.

Goffman (1988) afirma que os indivíduos estigmatizados pela situação que vivem e se encontram terão de encontrar estratégias de forma a evitar expor o seu estigma ou marca que os levam a estigmatização, isto é, terão que esconder ou eliminar signos que se tornam símbolos do estigma, podem manipular sua identidade pessoal e social, claro que esta manipulação variará muito segundo o conhecimento ou desconhecimento que as pessoas em sua presença têm dela, terá que reduzir o círculo de convivência com os que mantêm com ele um vínculo social, alguns terão que usar disfarces ou estratagemas para fugir da atenção hostil das pessoas ao seu redor. Por conseguinte, estas práticas poderão levar a um auto-desprezo, isolamento, optando por vezes em ocultar informação sobre sua pessoa, é a questão de encobrimento²³ que eles terão que adoptar.

Por exemplo, Helton²⁴ (10 anos de idade) tem adoptado várias estratégias para evitar situações que o deixam em angústia e desconforto. Pois vejamos, “(...) cha, mano aqui na rua não me encontram de qualquer maneira, tenho *maning*²⁵ sítios para ficar, quando vejo alguém que quer começar falar coisa que não gosto, simplesmente deixo aquele lugar, vou noutra sítio, onde é pouco calmo, ou então vou naquelas casas abandonadas lá na baixa, fico ai a dormir (...) só depois

²³ Encobrimento da lógica de Goffman (1988) se refere a estratagemas que os estigmatizados podem adoptar para reduzir o estigma a que são vítimas, como é o caso de ocultar informações sobre a sua pessoa, etc.

²⁴ Helton é um dos nossos entrevistados, uma das crianças de rua.

²⁵ O termo *maning* é um calão e significa “muitos”.

é que volto (...) além disto, costumo ver onde ficar, não só ficar em qualquer sítio que encontrar, tem que ver bem antes se dá ou não (...).”

As crianças de rua pela dificuldade de evitarem a estigmatização a que são vítimas em sua casa, a rua se torna no entanto um espaço onde elas têm maiores possibilidades de gerirem os atributos depreciativos ligados ao estigma que são atribuídos, reduzindo alguns espaços de sociabilidade que não seja compatível com sua condição. Assim, a rua aparece como um local onde elas podem com maior facilidade manipular a identidade de um indivíduo estigmatizado, facto que os torna difícil fazer em casa em virtude delas serem o que Goffman chama de desacreditados. Goffman diz que os desacreditados, “são indivíduos cuja identidade social real frustra a identidade social virtual, e que esta discrepância se torna algo evidente no momento em que um indivíduo seja apresentado, assim como reconhecida pelos diferentes actores sociais” (Goffman, 1988:38).

Neste quadro de análises as crianças de rua são para os seus familiares e seus vizinhos pessoas desacreditadas, facto que os impede de tomar vários estratagemas de forma a evitar que sejam repelidas, violentadas, isoladas, mal tratadas, ostracizadas, etc. No contexto da rua elas são ao mesmo tempo desacreditadas, pois existem pessoas que já os conhecem, mas também desacreditáveis, uma vez que pela forma como em certos momentos elas se apresentam podem dificultar que os “normais” apreendam-os como sendo crianças de rua. Assim sendo, os desacreditáveis para Goffman (1988) refere-se a pessoas cuja “identidade que frustra a normalidade não seja reconhecida *a priori*, alguém que a diferença não está imediatamente aparente e não se tem dela um conhecimento prévio (ou pelo menos ela não sabe que os outros a conhecem)” (Idem, 1988: 38).

No entanto, as possibilidades são maiores nas ruas, visto que para os que não lhes conhecem, podem ser indivíduos desacreditáveis, facto que os dá mais chances de encontrarem estratégias de encobrimento. É preciso enfatizar que nem sempre torna-se fácil associá-las como sendo crianças de rua, porque elas nem sempre se apresentam com características que *a priori* os fazem ser identificados como sendo meninos de rua. Vejamos o seguinte: “(...) acho que as pessoas que estão na rua, nem todas me conhecem que sou um menino de rua, as vezes ando

limpo, quando vou ver filme no estrela vermelha e passeando (...) assim dá para ficar lá na rua (...) quando aparecem pessoas que me conhecem, eu fujo, vou naquelas casas abandonadas lá em baixo com meus amigos e fico aí, aí ninguém me encontra (...) fico bem aqui na rua, agora lá em casa é difícil ficar uns minutos sem ser chateado (...)” [Manuel, 18 anos de idade]. Assim, embora a rua seja um espaço socialmente não digno de sua permanência, passa a ser um dos principais espaços por elas recorridos, como resposta as dificuldades encontradas no contacto com os seus familiares e antigos amigos da comunidade.

Um dos aspectos que as crianças de rua têm vivido em sua casa, é o facto de quando elas se dirigem aos seus familiares ou amigos, a interacção social ser de forma geral baseada numa total indiferença. Um dos aspectos importantes que acima mencionamos que define uma interacção social é a presença de reciprocidade quando os diferentes actores se dirigem uns aos outros. “(...) Eu falo com eles e **nem me respondem**, me dirijo a eles **nem me olham**, só falam entre eles e **me deixam sozinho**, mas quando eu pego alguma coisa lá em casa, **gritam logo comigo, he, he, he, não mexe isto (...)**” [Mário, 16 anos de idade]. A falta de alguma reciprocidade, faz nos inferir que não existe alguma forma de interacção social entre as crianças de rua com os seus familiares, se existe, é muito reduzida.

Contudo, existe um distanciamento em termos de controle social entre as crianças de rua com os seus familiares, facto que os leva a serem tratadas com muita indiferença e rejeição aquando do seu regresso ao convívio familiar, facto que leva as crianças a deixarem este espaço na tentativa de aliviar o tratamento a que são sujeitas. É o caso de recorrerem aos amigos, junto do ambiente familiar, mas o tratamento é bastante similar, onde por vezes nenhum destes amigos os tem aproximado.

7.1.4.3 Olhares diferenciados sobre a casa e a rua

Um dado não menos importante de análise, são olhares que as crianças de rua têm sobre a casa em virtude dos aspectos que presenciaram aquando da sua tentativa em voltar à aquele ambiente, assim como à rua, o espaço onde elas residem. Este capítulo pode nos ajudar a reflectir sobre os factores que levam a criança a residir na rua, isto é, a motivação para ida e permanência delas na rua. Portanto, um exemplo de desqualificação do “outro” serviria-nos como ponto de

partida, para tal recorreremos a um artigo que reporta a vida de uma menina de rua e ela diz o seguinte:

“(…) Vale a pena sofrer na rua do que estar em casa onde **meus próprios pais me negam comida, amparo, é uma situação triste**. Não adianta mais viver lá se a minha própria família e a sociedade **me exclui e rejeita**, jamais voltarei a casa (…)” (Bamo in Jornal Zambeze, 24 de Dezembro, 2009, p.31).

[Terezinha, conhecida por Zinha, de 16 anos de idade]

É possível depreender com base neste trecho que os factores associados ao estigma a que as crianças de rua se tornam vítimas, não só são verificáveis e aplicadas a elas apenas em casa, a rua também, é um espaço por onde elas são constantemente sujeitas a rótulos que os desqualificam e que os rejeitam. Assim sendo, as crianças de rua, pela sua condição se encontram cercadas em dois espaços quer em casa junto dos seus familiares quer a rua, que os tratam de forma similar, mas estes dois espaços são olhados por elas de forma diferente, pelo facto destes proporcionarem recursos diferentes as crianças de rua, isto é, recursos que elas podem usar para reduzir a probabilidade de serem rejeitadas.

Com isto, as crianças de rua têm diferentes olhares sobre estes dois espaços. Vejamos alguns exemplos:

“(…) **lá em casa me tratam mal**, mas aqui na rua, também me tratam mal, os dois sítios está mal, nem lá nem aqui, todos sítios me tratam da mesma maneira, estão contra mim (…)
eu sou muito mal tratado em casa por isso vale a pena viver cá na rua e não em casa, sinto mais a vontade aqui do que em casa, mas viver aqui não é seguro, é muito difícil mano, sofro muito (…)
sabes (…)
sou batido as vezes, mas como não tenho outro sítio para ir prefiro ficar aqui (…)
aqui eu consigo a minha maneira fugir estas coisas e lá em casa, epha é difícil. **Já que em casa também nem me querem, nem meus pais nem meus amigos**. Quando encontro com meus primos, **eles nem sequer conversam comigo**, já não gostam de mim, mas ha, problema é deles (…)”.

[Neto, 10 anos de idade]

“(…) não gosto de viver na rua porque vivo mal e durmo mal, tenho medo de andar sozinho porque não é seguro ficar sozinho aqui, há pessoas que aparecem para nos assustar, roubar ou nos *guagissar*. Não é seguro viver aqui mas também não quero voltar para casa, lá em

casa não é bom, **só gritam e não me deixam fazer o que quero**, mas seria muito bom voltar a casa, só que é difícil estar com eles. Não gosto de viver cá na rua, mas também não tenho outro sítio *nice* para ir, então prefiro ficar aqui, **lá em casa meu ouvido só fica a tocar (...)**”.

[José, 18 anos de idade]

Deste modo, as crianças de rua se encontram entre dois espaços que para elas são conflituosos e problemáticos, visto que o local onde elas pensassem que poderiam ter algum apoio, assim não se procedeu, por isso mesmo as crianças de rua alegam que não é bom voltar a casa. John (10 anos de idade) confirma este aspecto: “(...) shi, nem pensar, não volto para casa, para me fazerem o que sempre têm me feito, cha (...) aqui está bem”. Mesmo diante de duas situações que os deixam em situação de desconforto, as crianças de rua adoptam estratégias que sejam favoráveis a sua condição, de estigmatizados. Isto faz com que a rua seja vista com outros olhares, um pouco diferentes dos que elas têm sobre a casa.

Mesmo passando por situações alarmantes nas ruas, as crianças de rua alegam que é o local onde podem acima de tudo evitar passar por situações de discriminação, embora seja difícil, mas a rua proporciona espaços e meios para tal, o que não acontece quando são estigmatizadas em casa, devendo apenas assistir que as pessoas lhes mal-tratem. Pedro (10 anos de idade) alega ter a noção de que “(...) toda gente deve ter uma casa para viver, com sua família e não aqui na rua, aqui as coisas andam muito mal (...) mas quando não dá, o que fazer (...) não posso ficar ai a **ver pessoas a me gozarem** e eu sem fazer nada (...) aqui na rua não deixo isto acontecer (...) costume ir noutros sítios (...) lá em casa me tratam as vezes como empregado, me dão cheio de trabalho (...)”.

Com isto, notamos que a casa é vista por elas como um espaço que gostariam de voltar a morar, mas não existem por conseguinte condições para o efeito, e o auto-isolamento torna-se um facto evidente, por conceberem a rua como sendo um espaço alternativo a vida e as formas de tratamento que são vítimas em suas casas. Assim sendo, estes factos, os olhares que elas têm sobre a casa e a rua, faz com que elas vejam este último como um espaço que os oferece uma multiplicidade de alternativas onde podem pelo menos evitar situações de desembaraço.

Mas, as crianças de rua não frequentam quaisquer espaços na rua, elas não fazem a ocupação de um dado espaço ou frequência a um dado local de forma aleatória, existem motivos

por detrás da frequência de um e não do outro espaço, assim como as horas da tal frequência. Vejamos os resultados da entrevista que tivemos com Naldo de 9 anos de idade:

“Não ando qualquer sítio aqui, tenho medo de ir à baixa perto do mercado central porque **não quero encontrar com uns meninos que andam** por aí e também não gosto de ficar no ponto final certas horas, porque não dá encontrar com meu pai, já vi uma vez aí, ele passa sempre daí quando vai para casa em Lulane, às 17 horas. É muito arriscado andar perto de jardim Thunduro aí na baixa, tem aí *molwenes* que costumam nos *guagissar*²⁶. Eu tenho medo de encontrar pessoas que conheço lá de casa, também guardas das lojas e polícias”.

“Saí de casa *a time*²⁷ e acho que meus pais nunca me procuraram e nunca encontrei com eles, e nem gostaria de encontrá-los, por isso mesmo não ando em qualquer sítio e fico *maning*²⁸ atento para ver quem está a vir em minha frente, procuro evitar encontrar com meus familiares e também outras pessoas que andam nas ruas, que já me fizeram mal”.

[Jorge, de 14 anos de idade]

Observar as crianças de rua a qualquer hora e em qualquer lugar, é facto difícil de verificar. Constatamos que durante o dia, elas procuram frequentar espaços ou locais onde supostamente o contacto seja reduzido ou de serem encontrados por pessoas que elas tentam evitar. Acresce-se a este dado, o facto da identidade que elas carregam, visto que, “haverá lugares proibidos e inacessíveis, onde pessoas do seu tipo estão proibidas de ir, e onde a exposição significa expulsão” (Goffman, 1988:71).

A forma como as crianças de rua se posicionam e se relacionam nestes espaços com diferentes actores sociais é problemático pois, elas permanecem em lugares estratégicos, atentas e tomando atenção e cuidado para com as pessoas que se aproximam a elas, reflecte-se nelas um olhar de desconfiança deixando-as por vezes pouco a vontade nos momentos de grandes fluxos de pessoas que se tem verificado no “Ponto Final”.

²⁶ *Guagissar* é um termo usado na gíria popular referindo-se ao acto de roubar.

²⁷ Refere-se a muito tempo.

²⁸ A palavra *maning* significa muito.

Outro facto de realce, é o momento em que elas se dirigem ou interditam as pessoas que por sua volta se encontram a passar. As crianças de rua seleccionam criteriosamente as pessoas de forma que não se deparem com conhecidos que pretendam evitar um contacto mais directo e próximo, por isso mesmo, que “(...) hee, hum, não me dirijo a qualquer um que passa ai, primeiro vejo bem quem é, não é de qualquer maneira, se não, hee (...) não dá (...)” [Mário].

Em certos momentos ficamos um pouco perplexos, se elas gostam ou não de estar em espaços onde haja pessoas circulando mas, notamos que se trata de uma estratégia de sobrevivência estar nestes locais. Confirma este aspecto o desabafo de Abrantes: “(...) não gosto de estar onde tem muita gente, é que não consigo ver as vezes se está a vir alguém que conheço, que não quero que me encontre aqui, mas como tenho de pedir comida ou mesmo dinheiro as pessoas que andam ai nas ruas, por isso que fico nestes lugares, como “Ponto final” (...) mas não *gramo*”. Este facto é reforçado ainda com a seguinte declaração, “(...) epah (...) mano, eu fico ai onde há pessoas, mas não muito a vontade, só que não posso ficar noutra sítio, se não vou morrer de fome, é que nestes momentos consigo algum para comer, tas a ver esta cena nem (...)” [John].

Deste modo, elas permanecem por algum tempo nestes espaços mas, com atenção e receio, e dias como domingo onde o fluxo é bastante reduzido, as crianças de rua se espalham neste lugar sem receio algum. Elas ficam mais a vontade nos lugares ou momentos onde o fluxo de pessoas é reduzido, embora seja necessário estar presente em contextos de grandes fluxos populacionais. De acordo com esta constatação, as crianças de rua alegam que, “(...) é *maning nice* nos domingos, fico ai a vontade, porque poucas pessoas vem ai (...)” [Abrantes].

De forma geral, as crianças de rua se encontram entre dois espaços que para elas nenhum destes oferece condições adequadas para as suas vidas, isto quer a casa junto de seus familiares quer a rua, embora haja nestes espaços condições de vida diferentes. Nestes dois espaços, elas passam por situações similares, isto é, de rejeição, indiferença, de ostracismo, mas, os olhares que elas têm sobre estes espaços são diferentes. Os diferentes olhares sobre estes espaços são estruturados em função das possibilidades que as crianças de rua encontram para poderem fazer face ao estigma a que estão sujeitas. Assim, embora nos dois espaços as suas vidas têm sido

difíceis, a rua aparece com maiores possibilidades delas permanecerem em virtude de haver maiores chances de evitarem o tratamento a que são vítimas, facto que não existe em casa.

7.1.4.4 A rua como um espaço de refúgio

É reservado esse sub-capítulo à apresentação de factores que conduzem a normalidade na rua, das crianças de rua, pensamos que não é um espaço escolhido por elas de forma aleatório. Fazemos isto ligando as percepções que as crianças de rua têm sobre os outros que influencia por conseguinte nas percepções sobre si mesmas e deste modo, mapear uma articulação entre estes dados com os factores que elas encontram na rua, que determina a sua permanência nestes locais, isto é, a sua normalidade na rua. Contudo, apresentamos factores que fazem delas reféns da rua, aspectos não encontrados no seio da família, como amparo, amigos, além dos factores que em capítulos anteriores mencionamos.

Os factores associados ao estigma influenciam de certo modo nas práticas e concepções que os estigmatizados vão tendo do mundo a sua volta. Por vezes, fazem com que eles sintam como estivessem em frente a um pelotão de fuzilamento, afirma Goffman (1988). Em virtude da forma como são tratadas nos espaços que frequentam, as crianças de rua entendem/concebem os “outros” como seres que estão contra eles. Goffman (1988), afirma que os estigmatizados tendem a ter a mesma crença sobre as pessoas que os têm estigmatizados.

Deste modo, as crianças de rua têm certas imagens que vão construindo a volta das pessoas que os têm feito passar por situações de angústia, desconforto e de rejeição. Por exemplo:

“(…) As pessoas são muito mentirosas (…) inventam sempre histórias a respeito de nós, que nós somos malandros, bandidos e ladrões, enquanto nós não somos nada disso (…) inventam falsas histórias para nos afastar das outras pessoas. Por exemplo minha madrastra sempre me batia e as vezes me apertava com porta e dizia que eu não estava bom, e que eu tinha me apertado sozinho, enquanto era ela (…)”.

[Naldo, 9 anos de idade]

Constatamos que as pessoas que não partilham o mesmo estigma ou condição de vida com estas crianças, pela maneira como se relacionam leva-nos a inferir que estas vêm as tais pessoas

como sendo más, interesseiras, mentirosas, fingidas e que acima de tudo, “ (...) muitas destas pessoas têm nos explorados, só dirigem a nós quando algo querem, e quando somos nós a dirigir a elas, **nem se quer nos olham**, até alguns fingem que não nos conhecem, enquanto nos conhecem e já trabalhamos para elas algumas vezes (...) além disto se estou aqui na rua é porque lá em casa não me deixam a vontade...estou aqui por causa delas (...)” depõe John.

A forma como as crianças de rua concebem seus familiares, seus antigos amigos e demais membros da sociedade influencia as concepções que estas têm sobre si mesmas. Ademais, a concepção que elas vão construindo sobre si próprias em virtude da forma como elas vão concebendo os “outros” é reflexo de como elas são tratadas por estes membros, isto é, a culpabilização, a indiferença, a rejeição, o isolamento, etc. Os depoimentos que se seguem das crianças de rua mostram como estas concebem a si mesmas:

“Todo mundo diz que eu tenho um mau comportamento, não só eu, mas também os meus amigos que vivem aqui na rua comigo (...) *épha*, eu sou *molwene*, se é assim como nos chamam (...)”.

[Pedro, 12 anos de idade]

“(...) eu me identifico como menino de rua, se vivo aqui (...) além disso as pessoas me chamam assim, o que posso fazer, se dizem que sou menino de rua. Então, estas pessoas que nos chamam de meninos de rua é porque pensam que nós fazemos mal aos outros e por isso nos chamam assim e também andam a nos mal-tratar (...)”

[Joaquim, 16 anos de idade]

No entanto, estes aspectos fazem com que as crianças de rua se sintam acima de tudo incapazes de se relacionarem com os demais membros da sociedade²⁹, estando patente nelas o sentimento de inferioridade, pois em muitos lugares onde estas estão presentes lado a lado com os “normais” há indiferença na forma como são tratadas e isto faz desenvolver nelas sentimentos de indivíduos que não podem estar no mesmo espaço com os outros.

²⁹ É possível depreender nelas o sentimento de auto-rejeição, isto é: a auto-rejeição se refere a rejeição do próprio indivíduo, é uma negação própria, pelo sentimento de incapacidade, inferioridade, etc; e que do ponto de vista social provém dos vários processos sociais, o caso de rejeição que o indivíduo pode ser vítima em vários contextos de interação social.

“(…)As vezes nem entendo o que eles costumam dizer, eu fico só a lhes ver, não falo nada (…) isto faz de mim um pessoa que não vale nada (…)” diz Minguito. Este aspecto leva a que as crianças de rua isolem-se dos demais espaços de sociabilidade, fugindo de situações que os deixam perplexos, levando a que elas escolham espaços e pessoas a frequentar e relacionar respectivamente.

Esta constatação não foge tanto da visão de Silva (2009), pois, este autor afirma que a sociedade mais vasta olha as crianças e jovens da rua com espanto, com medo, transformando-os em mitos, seja de bandidos ou de pobres coitados e não seres como quaisquer outros que precisam de sentir-se vivos, por um lado e por outro lado, estas crianças constroem-se como mitos, bandidos, etc. Ademais, as concepções sobre os outros e sobre si influenciam directamente na sua auto-rejeição, isto é, sentimento que elas vão desenvolvendo sobre elas próprias aquando duma interacção social mista. Estará explicada assim as razões da permanência do fenómeno crianças de rua?

O sentimento de rejeição que parte delas próprias com base na forma como se tem processado o contacto com os demais membros da sociedade, não é suficiente para explicar porque que estas crianças residem ou preferem permanecer nas ruas da cidade de Maputo, embora seja um facto evidente a acontecer porque as crianças de rua refugiam-se em locais onde possam evitar a discriminação. É de referir ainda que não só os “normais” têm evitado um contacto com as crianças de rua, mas estas também os têm evitado. Juntam-se a estes factos, o ambiente encontrado por elas nas ruas, ambiente como de irmandade, de solidariedade.

Devido aos vários factores que temos vindo a mencionar, as pessoas procuram no máximo evitar um contacto com as crianças de rua, dificilmente encontramos pessoas dispostas a ter uma interacção social de bases iguais com as crianças de rua, simplesmente elas têm sido vítimas de caçadas, desprezo, parafraseando Goffman (1988), é como “se o mundo inteiro estivesse contra eles” (Goffman, 1988:20). Mas, neste mar todo, Goffman afirma que as pessoas estigmatizadas vão descobrindo outras pessoas compassivas, dispostas a adoptar seu ponto de vista no mundo e a compartilhar o sentimento de que ele é humano e essencialmente normal. Neste quadro de orientação,

“(…) o primeiro grupo de pessoas benévolas é, é claro, o daquelas que compartilham o seu estigma (...) no qual ele possa refugiar-se em busca de um apoio moral e de conforto, de sentir-se em casa, em seu ambiente, aceito como uma criatura que realmente é igual a qualquer outra normal” (Idem, 1988:20).

“(…) ou um conjunto de indivíduos dos quais o estigmatizado pode esperar algum tipo de apoio, aqueles que compartilham seu estigma e, em virtude disto, são definidos e se definem como seus iguais” (Idem, p.27).

No entanto, no grupo de pessoas a que as crianças de rua se aliam e que se podem considerar como sendo seus iguais, e que destas as crianças de rua esperam algum apoio incondicional destacam-se outras crianças de rua que transmitem a elas um carinho e solidariedade. É dentro deste grupo, junto a outras crianças de rua, onde elas recebem afecto e protecção:

“(…) Quando vim a rua, a pessoa que passou a primeira noite comigo cá na rua, são umas outras crianças que vivem aqui, ninguém se aproximou de mim naquele dia, e eu fiquei com medo, foi quando chegaram eles e me disseram, você é como nós, nós moramos aqui mesmo (...) quer ficar também, queres vir connosco? Eu disse sim, e fiquei com eles”.

[Pedro, 12 anos de idade]

“(…) eu me sinto mais a vontade aqui na rua do que lá em casa, estes meus amigos me entendem e nem sequer me gozam e me chamam de *molwene*, eles me entendem do que aqueles lá de minha casa, por isso mesmo fico aqui com eles, estes é que são meus irmãos, meus *bradas*³⁰ (...)”.

[Simão, 8 anos de idade]

Compreende-se a partir destas citações que existem pessoas que estão dispostas de alguma forma a manter algum tipo de contacto com as crianças de rua e que vão disponibilizando algum tipo de afecto e carinho, são os que com elas as crianças de rua se identificam e por conseguinte formando pequenos grupos sociais. É o local onde “o indivíduo estará a vontade entre seus companheiros e também onde descobrirá que pessoas conhecidas, que ele não considerava seus iguais, na verdade o são” (Goffman, 1988: 72).

³⁰ O termo *bradas* significa irmão, é uma calão.

No entanto, o estigma a que as crianças de rua são vítimas em suas casas leva a que elas se aliem a grupos que estão disponíveis de manter um contacto incondicional, grupos sociais que os aceitam se restrição. Este facto justifica o seguinte depoimento: “(...) sinto-me mais vontade quando estou aqui na rua com meus amigos e juntos e não sozinho (...)” [Naldo]. É preciso referenciar que o apoio dado as crianças de rua por outras crianças que já se fazem presentes nestes espaços, é pelo facto de “saberem por experiência própria o que se sente quando se tem este estigma particular (...)” (Goffman, 1988:20).

A formação de “redes de ajuda mútua ou redes de relações, compostas de indivíduos que se conhecem” para usar a expressão de Goffman (1988) têm uma matriz puramente social, não tanto económica, étnica, religiosa, política ou qualquer outro factor que seja, visto que, este facto reflecte o apoio, o afecto, carinho, solidariedade incondicional que as crianças de rua encontram nas ruas, particularmente no grupo de seus iguais. Estas particularidades conduzem a que “(...) membros de uma categoria de estigma particular tenderem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria (...)” [Goffman, 1988:20], evitando por conseguinte andarem sozinhas facto que os leva a violência, por isto mesmo “(...) temos medo de andar sozinhas, andamos juntos e assim nos protegemos quando esta gente quer nos fazer algum mal (...)” [Naldo]. Mas é preciso enfatizar na esteira de Goffman que “a escolha da companhia de pessoas que tem estigmas iguais ou semelhantes tem por efeito agravar a situação de estigma” (Goffman, 1988:72).

Além deste grupo, Goffman afirma que existe um segundo grupo pelos quais os estigmatizados podem se aliar e esperar deles algum apoio. Assim:

“O segundo conjunto é composto (...) pelos informados, ou seja, os que são normais, mas cuja situação especial leva a simpatizar-se com os estigmatizados (...) pessoas cuja informação vem de seu trabalho (...) indivíduo que se relaciona com o estigmatizado através da estrutura social - uma relação que leva a sociedade mais ampla a considerar ambos como uma só pessoa (...)” (Goffman, 1887:27).

No entanto, as crianças de rua, fora do grupo de seus iguais a que elas se aliam quando se encontram nas ruas, existem outros, vejamos os seguintes dados:

“(…) Existem pessoas aqui na rua que costumam as vezes conversar connosco, por exemplo eu tenho um amigo no Alto Maé que é pastor e as vezes tenho ido a casa dele e ele me recebe lá muito bem e acabei sendo amigo de outros amigos dele que são da igreja onde ele reza. Estes são também meus amigos que não vivem aqui comigo na rua, mas considero como meus amigos, e eles também me consideram assim. Este meu amigo e seus amigos não têm medo e nem receio de conversar comigo, me levam as vezes para passear e ir também na igreja com eles (…)”.

[Abrantes].

“(…) Aqui na rua as pessoas que não têm medo de aproximar-nos e que nós também não temos, são cobradores de chapas, as vezes brincamos com eles ai no “Ponto Final”. Além destes, outras pessoas que falam connosco bem, sem nos girar são aquelas pessoas que tem banca ai na rua e cobradores de filme, quando nós vamos no estrela vermelha ver filme. As vezes os guardas e seguranças também são bons, deixámos nossas coisas com eles para guardar, mas nem todos, outros são muito maus, **batem-nos, impedem-nos de entrar alguns sítios (…)**”.

[Naldo]

Constatamos um tipo de pessoas, que mesmo sabendo da situação social a que as crianças de rua estão sujeitas ou vivem, encontram-se dispostos a manter algum tipo de contacto com estas crianças, dentre estas encontramos os pastores da igreja, os vendedores ambulantes e cobradores de chapas. Estes são grupos de pessoas que as crianças de rua podem e têm tido algum apoio, pois estes por sua vez, não os têm discriminado, excluídos dos demais espaços de sociabilidade.

No grupo de informados de acordo com Goffman (1988) encontramos dois tipos, um representa aos grupos de pessoas que por motivos de trabalho acabam cuidando de grupos marginalizados pela sociedade, encontramos neste, enfermeiros que trabalham na psiquiatria, garçons de bares de homossexuais, assim como empregadas de prostitutas, e para o nosso caso particular podemos encontrar os pastores das igrejas sobre os quais alguns centros onde frequentam as crianças de rua estão sob tutela, assim como membros de outras organizações da sociedade civil que procuram prestar alguma assistência as crianças de rua. No entanto, estas

peessoas relacionam-se com as crianças de rua sem receio algum e ainda proporcionando um tipo de vida são a elas.

O outro grupo de informados que se relacionam com as crianças de rua são as pessoas que detêm algum tipo de contacto com os estigmatizados através da estrutura social, temos o caso do acompanhante dos cegos, familiares de ex-presidiários, etc. Para o caso de crianças de rua, consideramos os informados desta categoria, os mendigos, malucos, e outros grupos de pessoas que partilham com as crianças de rua as artérias da cidade de Maputo, isto é, grupos de pessoas que também usam a rua como seu espaço de moradia.

8. Conclusão

Temos vindo a defender que o estigma não só está presente em crianças de rua, mas que pode ser considerado como uma das causas para a permanência do fenómeno. Fazemos esta alusão porque de acordo com Serra (1998) existem vários tipos de *outros*, de *outsiders* sujeitos a desqualificações variáveis, fazendo parte destes *outros e outsider*, as crianças de rua. No entanto, o trabalho está estruturado com vista a testar a hipótese de que “o estigma atribuído às crianças vivendo na rua leva a que este grupo seja rejeitado, isto é, inabilita-os a uma aceitação social plena e que quanto maior for a sua rejeição, maior é a tendência de permanecer nas ruas, visto que haverá uma maior probabilidade de se auto-isolarem dos restantes membros da sociedade, refugiando-se por conseguinte nos grupos que partilham o seu estigma”.

Partindo do pressuposto que todo indivíduo que se encontra a margem dos quadros normativos instituídos pela sociedade faz deles um estigmatizado e rejeitado, para seguir as palavras de Goffman (1988) que “o círculo destes se tornará menor, isto é, não só as pessoas íntimas daquele indivíduo como os estranhos serão afastadas por seu estigma” (Goffman, 1988: 48), perguntámos se esta característica que as crianças de rua são vítimas não poderia ser um factor a tomar como problema de análise sociológica.

Neste sentido, constatámos que as crianças de rua por vários motivos, passaram a residir nas ruas e uma vez na rua, pela vivência, estratégias de sobrevivência por elas adoptadas e, acima de tudo pelo estigma de que são vítimas fez com que elas pensassem em regressar a sua casa, no contexto de seus familiares. Assim, apurámos que as crianças que já se fizeram presentes na rua, não são apenas vítimas de estigma neste espaço, mas acima de tudo em suas casas. Este foi um dado não pensado por elas e que deixaram-nas perplexas e confusas, isto é, no contexto onde pensavam que poderiam obter algum apoio, um amparo, não foram assim correspondidas. Portanto, para estas crianças o estigma não só foi visível e presente na rua mas também em contextos de seus familiares.

Confirmamos assim a hipótese levantada, embora haja vários factores que de forma conjunta podem explicar a ocorrência do fenómeno de crianças de rua assim, a variável estigma é um dos factores a ser tomado em consideração. Goffman (1988), alega que o estigma tende a

separar os indivíduos da pessoa estigmatizada, eles tendem a evitar o contacto com os estigmatizados ou seja recusando ou evitando brechas de intimidade e rejeitando-os, mantendo uma interacção difícil e de indiferença, isto faz com que os estigmatizados se sintam por vezes inferiores quando estão na presença física dos normais, adoptando comportamentos ou práticas que os deixam cada vez mais distantes das pessoas que os tem estigmatizados. Neste caso, os estigmatizados preferem refugiarem-se em espaços onde possam evitar serem inferiorizados, desprezados, repelidos, ostracizados, hostilizados e tratados como algo não importante.

Entretanto, os estereótipos ou atributos negativos que são criados para apreender algo anormal, tem na visão de Goffman (1988) a função de controlo social, na medida em que tendem a afastar os indivíduos marginais dum convívio pleno, isto é, a sociedade acaba por isolá-los e por vezes, estes tendem a desenvolver um sentimento de auto-isolamento, de auto-exclusão, escolhendo cuidadosamente com quem se relacionar. É neste âmbito que Goffman realça que os estigmatizados encontrarão pessoas dispostas a manter com elas algum contacto incondicional, dando a eles um amparo, força moral, apoio, os que Goffman chama de informados.

Neste quadro de análise constatámos que em primeiro lugar a interacção social entre as crianças de rua com seus familiares é de tal forma que os deixa sem amparo, pois a indiferença e rejeição é um facto vivenciado por elas. Ademais, dos demais espaços por elas frequentados quer no ambiente familiar quer na vizinhança elas são vítimas de situações de rejeição. Não havendo espaços onde elas possam evitar estas situações, onde possam encobrir o seu estigma, a rua aparece como o ponto de saída, uma válvula de escape. Goffman (1988) diz que os estigmatizados tendem a desenvolver estratégias que visam minimizar os efeitos do estigma a que certos grupos são vítimas, mas estas estratégias são mais eficazes em contextos onde o estigma do indivíduo ainda não é conhecido e a rua representa um destes contextos.

Sendo assim, existem factores associados ao estigma que levam a que as crianças de rua recorram e permaneçam nestes espaços. A saída para a rua por parte das crianças que se tornam de rua, em primeiro lugar é pelo facto da forma como se processa o contacto destas com os seus familiares, assim como a possibilidade escassa ou quase nula de forma a gerir o estigma a que são

vitimas, em segundo lugar é pelo facto da rua oferecer uma multiplicidade de espaços ou meios para que elas possam manipular ou evitar passarem por situações de rejeição.

Um dado não menos importante a realçar, é o facto das condições encontradas pelas crianças de rua nas ruas da cidade de Maputo, dão possibilidades maiores de gerirem e evitarem serem estigmatizadas assim como, encontram neste espaço algo não encontrado no contexto familiar, amparo, amizade, apoio moral, irmandade, etc. No entanto, existem nestes espaços grupos de pessoas que se encontram dispostos a manter algum contacto com estas que os vão aceitar sem condições nenhuma, sendo neste caso particular grupos de seus iguais que com elas vão se identificando, é o caso de outras crianças de rua que já se encontram a residirem nestes espaços e que tenham uma experiência ou noção de aspectos ligados ao estigma que são vítimas. Encontram também neste contexto, os que Goffman (1988) apelida de “informados”, outros grupos sociais a que as crianças de rua tem recebido algum apoio, é o caso de pastores ou indivíduos que trabalham em organizações viradas a este grupo em particular e de crianças em situação difícil no geral.

Desta maneira, as crianças de rua recorrem e permanecem nas ruas não só por estes factores acima mencionados, mas também porque se aliam a estes, concepções que elas têm e vão construindo a volta dos normais. Assim, as crianças de rua concebem os normais como sendo mentirosos e maus, visto que são estes que os fazem passar por situações de discriminação e, acresce-se a este dado, o facto de elas sentirem percebidas pelos “normais” como seres que fazem mal aos outros, como *molwenes*, etc. Este facto faz com que elas se sintam incapazes de poderem conviver de forma normal com os demais membros da sociedade e neste acto, acontece que não só os normais os têm rejeitados mas também, as crianças de rua além de se auto-rejeitarem, têm rejeitado-os.

Contudo, os factores como a difícil interacção social que processa entre as crianças de rua com os seus familiares, a dificuldades de encobrir seu estigma neste contexto, a indiferença e negação que vivem, a rejeição por parte dos seus amigos vizinhos aliado as possibilidades que encontram na rua para poderem encobrir seu estigma, o amparo incondicional existente neste espaço por parte de outras crianças assim como alguns grupos que se encontram dispostas a manter um contacto com elas sem receio algum, leva-nos a concluir que o estigma é uma variável preponderante para explicar as causas da permanência de crianças nas ruas da cidade de Maputo, são estes factores que a ela se associam que fazem da rua a normalidade das crianças de rua.

Referências bibliográficas

Associação Meninos de Moçambique (MDM). *Projecto de assistência social a crianças de rua*. Maputo, 2006.

BAMO, Lázaro. *Mendicidade muda de tática*. Jornal Zambeze, Maputo. 24 de Dezembro de 2009. Cultural, p.31.

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. 18ª ed. Petrópolis: editora vozes, 1998.

BOUDON, Raymond. *Dicionário de sociologia*. Lisboa, publicações dom Quixote, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CEZNE, Irene. *Criança da rua: Como podemos ajudar?* Series Orientação/2 SEAS, 1991

CDC - *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Maputo: UNICEF e MMAS, 2006.

CONOLLY, Mark e ENNEW, Judith. *Children out of place*. S/e, 1996.

COSSA, H.A. *As crianças de rua na cidade de Maputo/Polana caniço*. In E.MEDEIROS (org). Textos de alunos de cadeira de antropologia do instituto superior pedagógico/ano lectivo de 1992-1993. Maputo: faculdade de ciências sociais, isp, n/paginado, (1993). (não editado e disponível no UNICEF-Maputo).

COULON, Alain. *A Escola de Chicago: Introdução e Origens*; São Paulo: Editora Papirus, 1995.

D'INCAO, Maria Ângela. *Modos de Ser e de Viver: a sociabilidade urbana*. In: Tempo Social, São Paulo, V. 4, nº 1-2, p. 95-109, 1994.

DZIVANE, Eurico. *Vivendo em paralelo, um olhar sobre as relações sociais, estratégias de sobrevivência e representações dos meninos de rua, o caso de alguns grupos da cidade de Maputo*. Tese de licenciatura, departamento de antropologia. Maputo, 2006.

DURKHEIM, Émile. *A divisão do trabalho social*. Paris: PUF, 1960.

FERNANDES, Sara Cristina. *Crianças de rua: infância, trajectos de vida e práticas sociais*. Universidade de Minho, instituto de estudos da criança. 2008, N° 10, pp. 39-57.

FERREIRA, Rita M. F. *Meninos de rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo*. São Paulo, CEDEC: 1979.

GIL, António Carlos. *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 5ª ed.- São Paulo: Atlas, 1999.

GOODE, Willian J. e HATT, Paul K. *Métodos em Pesquisa Social*. 4a ed. São Paulo: Nacional, 1972.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

Instituto Nacional de Estatística (INE). *Resultado do II censo geral da população e habitação*. Maputo, INE: 2007.

Instituto Nacional de Estatística (INE). *Inquérito Integrado à Força de Trabalho (IFTRAB)*, 2004/2005.

International Organizations for Migrations (IOM). *A preliminary study outlining the risks and vulnerabilities facing Zimbabwean children who have crossed illegally into Mozambique*. Maputo, 2005.

LAKATOS, E e MARCONI, M. *Metodologia científica*. São Paulo: Edições Atlas, 1994.

LEITE, Lígia. *A razão dos invencíveis, meninos de rua: o rompimento da ordem 1554/1994*. Rio de Janeiro, UFRJ/IPUB: 1998.

LOFORTE, Ana. *Um perfil de criança de rua em Moçambique: um estudo de caso nas maiores cidades do País*. Maputo: globo, col. Ensaios, 1989.

MACAMO, Elísio. *O Abecedário da Nossa Dependência*. Maputo, CIEDIMA: 2005.

MAIA, Rui Leandro. *Dicionário de Sociologia*; Lisboa: Editora Escolar, 2000.

MARCHI, Rita de Cássia. *A infância não reconhecida: as crianças de rua como actores sociais*. Brasil: NPMS, 2007.

MATSINHE, M. *Estudo de carácter antropológico de criança de rua da cidade de Maputo*. In E.MEDEIROS (org.). Textos de alunos de cadeira de antropologia do instituto superior pedagógico/ano lectivo de 1992-1993. Maputo: faculdade de ciências sociais, isp, n/paginado, 1993. (não editado e disponível no UNICEF-Maputo).

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. 3ª ed. - 4ª reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007

MAULUQUELA, Eurice. *A vida na rua: razões e objectivos, um estudo sobre as motivações das crianças na e da rua, na cidade de Maputo*. Dissertação de licenciatura, faculdade de letras e ciências sociais, departamento de sociologia, Maputo: 2005.

MAUSSE, Miguel. *Crianças de rua: uma sobrevivência difícil*. S/e: 2000.

MMCAS. *A criança de rua e os centros de acolhimento: um estudo de caso nas províncias de Maputo, Sofala, Zambézia*. Maputo, 1997. (Não editado e disponível no MMCAS).

MMCAS. *Estudo para a definição dos padrões de atendimento institucional a criança em situação difícil/relatório final*. Maputo, 2001. (Não editado e disponível no MMCAS).

MINAYO, M.C.S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MISAU. *A criança de rua: o problema, as causas e proposta de intervenção*. Maputo: direcção nacional de acção social, 1985. (Não editado e disponível no UNICEF).

MUSSÁ, F.N. *Os meninos de rua em Maputo*. 1992), in: www.ífcs.ufrj.br (acedido em Outubro de 2009).

PINTO, Norton. *A construção social da criança de rua: um estudo sobre as percepções e práticas relacionadas com a criança da rua em Moçambique*. Departamento de sociologia, tese de licenciatura. Maputo: UEM, 2002.

POPPER, Karl. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Universidade de Brasília, 1978.

PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano. *Alcançando os objectivos de desenvolvimento de milénio. Desenvolvimento Humano até 2015*. Maputo, Moçambique. 2007.

QUEIROZ, N. e TEIXEIRA, F. (s/d). *A criança de rua na cidade da Beira*. Maputo: 1ª Ed. UNICEF/CVM.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*; 1ª Edição; Lisboa: Gradiva, 1992.

REDE DA CRIANÇA. *Base de dados*. Maputo, 2003.

REDE DA CRIANÇA. *Directório de contactos dos membros*. Maputo, 2009.

ROCHER, Guy. *Sociologia geral – a acção social*. Vol. 1. Lisboa: Presença, 1989.

SALES, Francisca e MAUSSE, Miguel. *A criança da rua: sobrevivência difícil: análise da situação actual da criança de rua. Estratégias de prevenção e redução do fenómeno*. Maputo-INAS, 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. Braga centros de estudos da criança da universidade do Minho, 1997.

Save The Children Alliance. *So You Want to Consult With Children? – A toolkit of Good Practice*, Cambridge House, London – UK, 2003.

SCULLY, Maura. *Street girls of Maputo*. Dublin-development studies centre, 2000.

SERRA, Carlos (org.). *Estigmatizar e desqualificar – casos, análises, encontros*. Maputo, imprensa universitária: 1998.

SILVA, Rita C. O. *Do outro lado do espelho: como construir o mito de bandido ou herói*. <http://www.citdr.org/bandidoheroi.pdf> (acedido em Junho de 2009).

SIMMEL, Georg. *O indivíduo e a díade*. In Cardoso/Ianni 1965: 128-135.

TEMPURA, Luís Sousa. *O fenómeno Urbano de crianças de rua e sua integração social: o caso específico da cidade de Maputo (2000-2007)*. Departamento de Sociologia, tese de licenciatura. UEM, Maputo: 2002

UNICEF. *A pobreza na infância em Moçambique: uma análise da situação e das tendências*. Maputo: Moçambique, 2006.

VULANDIM, V. *Um olhar sobre as crianças de rua no Maputo*. Maputo: direcção da cidade de acção social, 1996.

<http://frasesdereflexão.com.br> acedido em Novembro de 2009.

Anexo 1: Guião de colecta de dados

→ *O que observar?*

- Observar a possibilidade e a maneira como se processa a interacção social entre as crianças vivendo na rua com os “normais”;
- Observar o tratamento dado pelos ditos “normais” às crianças que vivem na rua, quando estão na presença física uns dos outros;
- Observar os principais espaços em que as crianças que vivem na rua frequentam;
- Observar os grupos com que as crianças que vivem na rua se relacionam ou entram em interacção social;
- Observar comparativamente o convívio destas crianças quando se encontram apenas entre elas e quando estão em presença dos outros/ “normais”.

→ *Entrevistas com “crianças vivendo na rua”?*

1. Identificação do grupo

- O que vos levou a virem a rua?
- Porquê continuam vivendo neste lugar?
- Quando vieram a rua, como se adaptaram a nova vida cá?
- Já sofreram algum tipo de hostilidade/rejeição?

2. Auto-representação

- Quais são as representações que vocês tem de vocês mesmos (Quem são vocês?)
- Qual é o nome a que vocês se atribuem?
- Sentem-se capazes de se relacionar/conviver com os “outros”?

3. Espaços sociais

- Quais são os lugares onde vocês tem estado o dia todo?
- O que a rua é para vocês, assim como local de vossa origem, a vossa casa?
- Como é vida de vocês lá em casa?

- É seguro a vida na rua?
- Já se sentiram privados de frequentar alguns lugares?
- Existem alguns lugares onde vocês evitam aparecer/frequentar?

4. Interação social

- O que achas dos “outros”?
- Quais são os grupos de pessoas que vocês tem mantido algum contacto ou convivência?
- Existem grupos de pessoas que vocês evitam entrar em contacto/convívio?
- Como é que se sentem quando estão na presença de “outras” pessoas?”
- Como tem sido a relação entre vocês?
- Existe um contacto com vossos familiares e os seus antigos amigos?
- Como tem sido seu convívio com os teus familiares e seus amigos de casa?
- De que forma as pessoas vos tem tratado?
- Com vocês evitam as pessoas que vos têm mal-tratado?
- Tem amigos que não vivem aqui com vocês?

Anexo 2: Plano operacional

Fases	Actividades	Objectivos	Meses 2009/10			
			Janeiro a Junho	Julho	Setembro	Dezembro a Abril
1ª	Composição do projecto	Definição do problema, do objecto do estudo, dos objectivos, assim como opções de âmbito teórico e metodológico.	X			
2ª	Colecta de dados empíricos	Observação das crianças de rua com os demais membros no “Ponto Final”.		X		
3ª	Colecta de dados empíricos	Entrevistas com as crianças de rua.			X	
4ª	Análise e discussão os resultados	Tratamento dos dados com base no quadro teórico e elaboração do trabalho final.				X